81

EXTRACTOS DAS OBRAS POLITICAS
E ECONOMICAS DE EDMUND BURKE
POR JOSE DA SILVA LISBOA
RIO, IMPRESSAO REGIA. 1812

A O

ILL.^mo E EX.^mo SENHOR

PERCY CLINTON SYDNEY

LORD VISCONDE, E BARÃO
DE STRANGFORD,

CONSELHEIRO DO CONSELHO PRIVADO
DE
SUA MAGESTADE BRITANNICA,

Cavalleiro da Ordem Militar do Banho, Gram-Cruz da Ordem Portugueza da Torre e Espada, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da dita Sua Magestade na Côrte de Portugal.

O Testemunho que V. E. apresentou á Republica das Letras de ser Amador da Literatura Portugueza, dignando-se dar á luz huma sua Traducção Ingleza de selectas Obras do Principe dos nossos Poetas, Camões; excitou-me o desejo de dedicar á V. E. estes Extractos de algumas Obras do Principe dos Oradores Britannicos, Burke, que no fim do seculo passado tanto influirão na sorte de

thor tão abalisado pela singularidade de seus conceitos e termos; confio na candura de V. E. que será indulgente em relevar os defeitos desta Collecção; considerando perdoavel o esforço, com que hum natural deste Mundo Novo deseja contribuir á instrucção e ordem publica, offerecendo aos Compatriotas hum nobre padrão da Literatura Britannica, mui proprio a exaltar os sentimentos da Lealdade

e Honra Nacional, e expellir por toda a parte os falsos principios da Anarchia e Tyrannia da França.

José da Silva Lisboa.

Inglaterra, e que, pelo seu objecto, tendem á beneficio de todas as Nações. Sendo além disso aquelle trabalho de especial recommendação do Homem extraordinario deste Paiz, o Sr. Conde de Linhares, que, em quanto vivo, cooperou energicamente com V. E. em esclarecida Diplomacia para a estabilidade e grandeza do Imperio Lusitano, estreitando os vinculos de Amizade e Alliança, que ha

seculos felizmente subsistem entre as Coroas e Nações Portugueza e Ingleza; persuado-me ter justos motivos de esperar da Benignidade de V. E. haja por bem de aceitar este tributo da minha veneração ao seu Illustre Caracter Literario e Politico. Reconhecendo a impossibilidade de exprimir com a devida exacção e elegancia os elevados pensamentos, e egregias phrases, de hum Au-

PREFACIO.

Os presentes Extractos forão feitos á instancias do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, que Deos haja em gloria. Elle tinha a mais enthusiastica paixão por Burke, considerando-o entre os salvadores da Gram Bretanha, e da Sociedade. Por isso havia dado ordem para a publicação deste meu trabalho, recommendando-me que o fizesse divulgar quanto antes. Como o seu tão inopinado falecimento impossibilitou que visse sahir do prélo esse monumento do fervoroso espirito publico, que tanto distinguio o seu illuminado Ministerio, e nada tinha mais á peito do que o fazer espalhar as luzes dos verdadeiros principios politicos, e economicos, que sustentão as Monarchias legitimas, e constituem execraveis as Revoluções e desordens civis, extremosamente desvelando-se em todos os expedientes, que podessem concorrer á segurança, defeza, e prosperidade do Estado, para quem só viveo; apresso-me á satis-

fazer, no modo possivel, aos seus ardentes votos, accelerando a edição em observancia da sua ultima vontade, prestando este signal de gratidão á saudosa memoria de quem tanto me honrou com a sua amizade. E sendo Tacito hum dos seus mais estimados Authores, seguirei o preceito deste Mestre da vida publica, o qual bem advertio, que o principal officio dos amigos não era darem inuteis lagrimas ao falecido, mas lembrarem-se do que elle queria, e cumprirem o que havia ordenado (*).

Na verdade as Obras dos Grandes Homens devem ser a Propriedade de todos os paizes; e os que dissipão erros fataes á civilisação, interessão especialmente ao Novo Mundo na actual conjunctura. Taes são as que submetto ao juizo do Publico.

Edmund Burke, havendo na Gram Bretanha adquirido celebridade, pelos escritos que deo á luz sobre o *Sublime*, e a *Defensão da Sociedade Civil*; subindo depois á consideração politica por eloquentes Fallas no Parlamento sobre assumptos da maior importancia á seu

(*) Non hoc præcipuum munus amicorum est prosequi defunctum ignavo questu, sed quæ voluerit, miminisse, quæ mandaverit, exequi. — Tacitus.

Paiz, e com especialidade pela Proposta de Conciliação (que infelizmente então não foi attendida) para prevenir o infausto Scisma d'America do Norte; elevou-se em fim á immortal fama por varios discursos contra a Revolução da França, concorrendo muito á que o Governo Britannico entrasse, com as Potencias Confederadas, na guerra, que a Facção dos Gallos levantados provocou na Europa com a escandolosa disseminação dos seus Dogmas. Dotado de extraordinaria optica mental, vio as fataes consequencias desse segundo, e ainda mais pestifero, *Mal Francez*, com que ambiciosos, enthusiastas, e sophistas, offertando atraiçoados presentes de amor, tinhão feito a Declaração e Propaganda dos *Falsos Direitos do Homem*, atacando na raiz os elementos da vida social, com promessas de regenerarem a Constituição de sua Patria, e produzirem a felicidade do Mundo. Elle prognosticou, que o necessario effeito do delirio dos Novadores era o perverterem-se as Leis fundamentaes da Sociedade Civil, e enthronizar-se o mais feroz Despotismo Militar.

O successo verificou o vaticinio; pois ora se vê o Dragão, que se acoitára no phantastico paraizo da terra, erguer de subito a cabeça *an-*

te nós e sobre nós, empecendo o leal trato dos homens, assaltando por toda a parte a destroir Thronos e Povos, e espargindo discordia e desconfiança entre consaguineos e amigos, evidentemente interessados na intima união, e mutua resistencia, contra esse Inimigo do Genero Humano. Se a sua carreira e furia não for em toda a parte encontrada, e rebatida, bem se poderá exclamar com terror — *Ceos! Que futuros se nos preparão!*

Mirabeau, hum dos Corypheos, e depois victima, da nefanda Revolução, tendo dito em odio de Inglaterra, que ahi *nada havia de polido senão o aço*, como se unicamente temesse achar nella afiada espada de dous gumes contra a Perfidia Gallica; todavia, não podendo contestar a notoriedade das boas obras da Nação, que agora se sustenta por si só, sobresahindo com dobrado lustre no Theatro Politico, defendendo a seus Feis Alliados, e derribando as machinações do Oppressor das Gentes, fez a confissão ingenua de *ser tão famosa Ilha o inexgotavel fóco de grandes exemplos, e a terra clasica dos amigos da Liberdade* (*): devia

(*) Cette fameuse, cet inépuisable foyer de grands exemples, cette terre classique des amis de la liberté.

accrescentar — *bem regulada* — e não *Liberdade á franceza*, que só consiste no desenfreio das paixões animaes, e na destroição da ordem estabelecida.

As Obras de Burke vierão confirmar esta verdade: ellas excitando com a maior intensidade a Energia do Paiz, constituirão os Territorios e a Marinha da Gram Bretanha os inexpugnaveis Baluartes da Razão, e Lealdade, e a esperança do Orbe depois do Diluvio de doutrinas falsas, que não só destroio milhões de homens, mas tambem quasi extinguio os principios da Humanidade. Surgio aquelle Luminar Literario, quando se escurecia o horisonte scientifico, para esclarecer todos os paizes, e dissipar os negros vapores do horrivel meteóro da Cabala Gallicana, que tentou com a sua Constituição Aerostatica assombrar o Universo, e desluzir o esplendor da Patria dos *Newtons* e *Smiths*, que tantas luzes havião espalhado para a communicação de todas as Nações, e commercio franco dos productos de sua terra e industria. Com singular força de caracter, argumento, e estilo, contribuio poderosamente, no fervor das geraes preoccupações, a libertar a sua Nação do Monstro da Revolu-

ção (*), que, semelhante á Saturno da Mythologia, *devora os proprios filhos* (**), e que já começava a pôr alli invisivel pé, e ganhar terreno, pela secreta correspondencia da Assemblea Franceza com hum Conciliabulo de Londres (***) de mal intencionados, descontentes, e fanaticos (de que nenhuma Nação he isenta) os quaes, blazonando de conhecimentos superiores, e patriotismo heroico, tinhão posto em seu animo corromper o bom natural dos Bretões, fazendo circular milhares de copias de libellos incendiarios, e com predilecção de *Thomaz Paine*, adoptado pela dita Assemblea, e unido á seu Corpo, que intitulou *illuminado* e *illuminante*; tendo-se-lhe depois ahi retribuido o galardão de ser tratado por idióta, e destinado a perder a vida, por seguir o partido dos *Brissotinos* (****), e não chegar á altura da *Montanha*, onde trovejavão, como os Titães da fabula, os *Marats* e *Roberspierres*, cujos abortos ainda hoje horrorisão, e que bem se poderião classificar como pertencentes á ordem das feras mais carniceiras, mal tendo a face de homens, quaes descreveo Juvenal

Nomen erit tigris, pardus, leo, et siquid est quod
Fremat in terris violentius.

A pezar dos desfavoraveis juizos que alguns fizerão do merito de Burke, considerei ser util assoalhar algumas *amostras* dos pensamentos deste insigne Mestre de Sciencia prática de Administração, e Politica Orthodoxa; por ser o mais valente Antagonista da Seita Revolucionaria, e o que, ensinando realidades, e não chimeras, expoz os *Verdadeiros Direitos do Homem*; lançando exacta linha divisoria entre *as ideas liberaes* de huma Regencia Paternal, e as *cruas theorias* de especuladores methaphysicos, ou machiavellistas, que tem perturbado, ou pervertido, a immutavel Ordem Social, estabelecida pelo Eterno Regedor do Universo, e convencendo a impiedade e inepcia dos Principios Francezes, que tem causado tão grandes desastres.

(*) Bem lhe quadra a descripção de Horacio:
Desinit in piscem mulier formosa supernè.

(**) Expressão de hum dos Membros da Assemblea Franceza, indo ao patibulo por sentença dos Collegas.

(***) Intitulava-se *Sociedade da Revolução.*

(****) Sectarios de *Brissot*, chefe do Partido dos chamados *Federalistas*, o qual proclamou, que se devia *pôr fogo aos quatro cantos da Europa, e fazer saltar os seus Governos, pela erupção vulcanica dos Dogmas da Liberdade e Igualdade.*

Tomei por isso o presente trabalho, persuadido, de que breve transumpto extrahido dos escritos da maior nomeada de Burke, ficando mais ao nivel de todas as classes, que não pódem ler o original, servirá de antidoto contra o pestifero miasma, e subtil veneno das sementes d'Anarchia e Tyrannia da França, que insensivelmente voão por bons e máos ares, e por todos os ventos do Globo. Notorios successos de algumas regiões d'America, que já derão horridos exemplos de attentados da Gollomania, dictão as maiores precauções contra o contagio desta segunda *Lues Celtica*. Hum epilogo das doutrinas daquelle Estadista he opportuno a extirpar pensamentos scelerados, e vãs esperanças, dos que se prevalecem das dissenções e desgraças dos tempos, para turbarem a harmonia dos Estados, e fazerem paródias das portentosas malfeitorias francezas.

Não proponho este resumo como Symbolo de Fé Politica, e nem ainda como perfeito modelo de composição de literatura. Muitos descontos se devem dar á quaesquer escritos, ainda dos sabios da primeira ordem (*). Deixo aos

(*) ,, Se pensais ver huma obra sem defeito, pen-

Leitores formarem por si o devido conceito; na certeza de que se fixará a opinião a respeito de hum Genio tão feliz, que doura tudo que toca, e que parece ter concentrado a *Sabedoria das Idades*.

Burke foi arguido de declamador, que defendia notorias corrupções dos Governos, contradictorio á seus antigos principios, e vendido á Corte. Mas elle soube desprezar injurias, e confundir calumniadores. A Apologia que deo contra emulos e maldizentes, por si falla, e contém subeja justificação, não menos da causa dos Governos regulares, que da pessoa de seu Defensor. O Philantropo de boa fé póde innocentemente desejar melhora das cousas humanas; mas o Homem de Estado só consulta o que he praticavel nas circunstancias de cada Nação. Isto he o que fez Burke. Não se eclypsa a sua virtude por ter-lhe o Soberano feito justiça, remunerando dignamente os seus tão as-

sais no que nem houve, nem há, nem haverá. Em qualquer composição attendei o fim do Escritor: se escolheo os meios proprios, e os dirigio com acerto, merece applauso, com desprezo dos defeitos triviaes. . . Dez sensurão sem razão por hum que escreve mal. . .,,
Pope Ensaio sobre a critica. Traduc. C. A.

signalados serviços, como usa conceder á todos os eminentes Servidores do Estado; sendo esta huma das principaes causas de se criarem em Inglaterra tantos homens de saber prodigioso, e de espirito duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cincinnatos, que tem honrado a Especie.

Burke judiciosamente observou, que não se precisava de talento, nem sagacidade fóra do commum, para notar irregularidades na regencia dos Estados, e os abusos dos nobres, ricos, e administradores publicos: a questão só hé sobre os opportunos remedios de prevenir os damnos, e emendallos.

Execrar revoluções não he defender desgovernos, nem excluir boas leis. Ainda os melhores Soberanos e Administradores são obrigados a conformarem-se ás opiniões das diversas ordens do Estado. Quando o remedio he peior que o mal, até as boas reformas são inuteis, ou nocivas. As revoluções são como os terremotos: tudo arruinão, e nada reparão. A sociedade civil, depois de convulsões politicas, sempre torna a compor-se de ricos, e pobres, nobres e plebeos, bons e máos, quem mande e quem obedeça. A scena será renovada, e unicamente mudaráõ os actores. Só a doce influencia da verdadeira Religião, e o progresso da cultura do espirito, pódem diminuir erros e vicios dos homens, e fazer durar e florecer os Imperios. Mas perfeição ideal he de absoluta impossibilidade (*). Que se ganha em revoluções? As ambições desordenadas se desenfreião. He preciso confiar a Força Publica de novas mãos, e concentralla na de poucos, ou de algum, para resistir-se aos inimigos internos e externos. Eis organizada a oligachria, que logo finda em Dictadura, e Tyrannia. Tal he o desfecho das Revoluções antigas e modernas: e em algumas, o Despotismo se firmou para sempre.

Contra os que tem feito severas invectivas á Burke basta dizer, que, se o fundo capital da doutrina he solido, ainda os desvios dos entendimentos extraordinarios, empregados no bem da Humanidade, são mais objectos de escusa, que de censura.

Gibbon, profundo Author da Historia da decadencia do Imperio Romano, achando-se retirado na Suissa no tempo das mais tragicas scenas da Revolução Franceza, e vendo em fim realizadas as prophecias de Burke, deo ás Obras

---

(*) Vitia erunt, donec homines. — Tacitus.

deste Escritor o competente apreço; e a final nas suas *Memorias posthumas* deixou a seguinte Protestação — *Assigno o Credo de Burke sobre a Revolução da França; admiro a sua eloquencia; adoro os seus sentimentos cavalleiros* (*) etc. Elle igualmente reconhece o bem que Burke fez á Inglaterra, livrando-a do Cáhos da anarchia, em que tambem correo risco de se precipitar. Diz mais „ A prosperidade de Inglaterra fórma soberbo contraste com as desordens da França. A Revolução deste paiz humilhou tudo que era alto, e exaltou tudo que era baixo. O vivo, mas irregular, espirito da Nação Franceza, em lugar de edificar huma boa Constituição, só a mudou em anarchia e tyrannia. A Gloria Britannica esta pura e esplendida. Se Inglaterra, com a experiencia da propria felicidade, e das desgraças da Europa, ainda se deixar seduzir pelos latidos dos facciosos, e quizer comer o pomo da *falsa liberdade e igualdade*, ella merecerá ser exterminada do paraizo que goza. „

(*) I beg leave to subscribe my assent to Mr. Burke Creed on the revolution of France. I admire his eloquence; I approve his polities; I adoro his chivalry etc.

Os mais distinctos Escritores de Inglaterra são admiradores de Burke; e o quasi unanime parecer da parte sã dos pensadores de boa fé, he que elle apresentou o padrão do maior espirito publico, empregado para os melhores destinos; e que a sua sabedoria, e eloquencia, desvanecendo as especulações illusorias de politicos superficiaes, dera aos Regedores das Nações prudentes conselhos para resgatarem a Europa da Barbaridade Franceza, e prevenirem futuras revoluções com saudaveis reformas dos respectivos Estados. Bastará citar o seguinte testemunho publico do Corpo Academico de huma das mais illustres Universidades; que dirigio esta Carta a Burke.

„ Nós abaixo assignados, residentes graduados da Universidade de Oxford, rogamos, que vos digneis acceitar esta respeitosa declaração dos nossos sentimentos, como tributo que desejamos pagar aos vossos brilhantes talentos, empregados no adiantamento de bem publico. Pensamos ser proprio e conveniente aos amigos da nossa Igreja e Estado confessar abertamente as suas obrigações aos que se distinguem na sustentação dos nossos approvados Estabelecimentos; e julgamos ser do nosso especial dever

fazer este Manifesto em hum tempo, que particularmente he marcado por hum espirito de temeraria e perigosa innovação. Como Membros da Universidade, cujos Estatutos abração todas as partes das Sciencias de proveito, e ornamento, nos julgariamos justificados em fazer esta Carta congratulatoria, ainda se tivessemos sómente a offerecer-vos os nossos agradecimentos pelo precioso augmento, que com as vossas importantes obras recebemos para o fundo da Literatura Nacional. Porém temos mais altos objectos de consideração, e mais nobres motivos de gratidão; pois estamos persuadidos, de que consultamos aos reaes e permanentes interesses desta Universidade, quando reconhecemos os eminentes serviços que tendes feito á nossa Constituição, pela vossa habil e desinteressada Demonstração dos seus verdadeiros principios; e que obedecemos ainda mais á sagrada obrigação de promover a causa da religião, e da moralidade, quando damos esta prova de que honramos o Advogado por quem ellas tem sido tão eloquente e effectivamente defendidas. „

ERRATAS.

Paginas	*Linhas*	*Erros*	*Emendas*
3	26	de fraude	da fraude
29	12	vi	foi
32	26	que não tem dado	e que não são dotadas de
33	1	lhe dê	lhes dê
42	3	de distincção	a distincção
74	13	remover	renovar
85	4	excogitados	excogitadas
90	11	a Inglaterra	a da Inglaterra.
95	11	preverte	perverte
97	4	aborrecerem	aborrecerem-se
104	9	destriução	destruição
102	21	seja	seja dirigida

REFLEXÕES SOBRE A REVOLUÇÃO DA FRANÇA.

A FRANÇA presentemente, vista com olhos attentos, deve ser considerada como exterminada do Systema da Europa. Por inesperada Revolução da sua Monarchia, esta cahio de grande altura com velocidade accelerada: he difficil subir outra vez á ella, pois isso se oppõe ás leis da gravitação physica e politica. O facto he assombroso, e faz á todos que pensão, tremer da incerteza de todas as grandezas humanas.

Os Francezes se tem mostrado os mais habeis Architectos de ruinas, que tem até agora havido no mundo. Em breve espaço de tempo deitarão por terra a sua Monarchia, a sua Igreja, a sua Nobreza, a sua Lei, a sua Renda Publica, a sua Marinha, o seu Commercio, as suas Artes, as suas Manufacturas. El-

les fizerão para nós espontaneamente o que farião os que procurassem estabelecer a nossa superioridade a taes respeitos. Se fossemos os seus absolutos conquistadores, e a França estivesse prostrada aos nossos pés, nos envergonhariamos em mandar-lhes Enviados a assentarem os seus negocios, a fim de impor-lhes huma lei tão dura, e tão destructiva da dignidade de huma Nação, como elles imposerão á si mesmos.

Luiz XIV. no fim do seculo decimo septimo estabeleceo o maior e o mais bem disciplinado Exercito, que jámais se tinha visto antes na Europa, e, com elle, hum perfeito despotismo. Mas este despotismo era ornado por boas maneiras, galanteria, esplendor, magnificencia, e estava coberto com os mantos (que muito impoem) da sciencia, literatura, e artes. Era assim huma Tyrannia doirada. Desde então o mesmo espirito de desproporcionada magnificencia, e amor de exercitos permanentes, e de grandeza que excedia as faculdades de pagamento do povo, se introduzio em cada Corte da Europa.

A admiração daquelle Reino florente, e feliz, quasi ganhou todas as sortes de Esta-

dos. Mas em Inglaterra os bons patriotas do tempo luttarão contra essa seducção. Elles forão anciosos em romper toda communicação com a França, e produzir no povo total apartamento de seus conselhos e exemplos.

Hoje em dia o mal está totalmente mudado na França. A doença alterou-se; porém a vizinhança dos dous paizes existe. e os naturaes habitos dos espiritos actualmente são taes, que o segundo Mal Francez vem a ser mais contagioso que o primeiro. Não he facil espalhar no povo a paixão pela escravidão; mas agora todos os males do genero opposto são fomentados pelas nossas naturaes inclinações: visto que o despotismo he sempre odiado; porém huma falsa apparencia de liberdade he recebida por ouvidos promptos. Antes da quéda da Monarquia, estavamos em perigo de ser arrastados pelo exemplo da França na rede varredoura de seu inquieto despotismo militar. O presente perigo procede do *máo exemplo* de hum *povo, cujo caracter não conhece meio nas cousas*: este perigo he o da anarchia, e tyrannia, que della ha de no fim sobresahir.

O maior perigo politico resulta da admiração de fraude e violencia feliz, para em to-

dos os paizes se imitar a irracional, impia, e feroz democracia, que proscreve, confisca, rouba, e assassina. Devem temer, ainda mais que todos, os individuos que tem propriedade, e principalmente os das Ordens Superiores, que sustentão os Governos regulares, e são os pilares dos Thronos. Da parte da religião, o perigo já não he da antiga Intolerancia Franceza, mas da sua infidelidade atheistica; que he hum vicio vil e desnaturado, inimigo de toda a dignidade e consolação do Genero humano, que parece agora na França ter sido incorporado em Facção, e que se acha acreditado, confessado, e até proposto a ser o Symbolo da Nação (*).

Não sou inimigo de reformas. Quasi em todas as deliberações em que fui Vogal no Parlamento, desde o primeiro dia em que nelle tive assento, o meu principal negocio foi *justa reforma*; empenhando-me em corrigir abusos velhos, ou resistir á novos. Mas, em minha opinião, *reformar, não he fazer em pedaços a architectura do Estado*: isso não só previne toda a real e precisa reforma, mas até introduz males, de que depois em vão se póde achar emenda e reforma alguma.

(*) Ainda no principio deste Seculo se publicou na França o Diccionario dos Athêos, em que o proprio Author se poz na cabeça do rol.

Penso que a Nação Franceza obrou sem sabedoria em destroir a sua Constituição. Isto de que ella muito se préza, redunda-lhe em perpetua deshonra. Gloria-se de ter feito a revolução do proprio paiz, como se revoluções fossem em si cousas boas. Todos os horrores, e todos os crimes da anarchia, que conduzem á revolução de hum Estado, e que se augmentão com o seu progresso, se representão como nada aos amantes de revoluções. Para prevenir o contagio, e curso de tão horrivel Mal Francez, eu abandonaria os meus melhores amigos, e me congraçaria com os meus mais encarniçados inimigos; a fim de me oppor á todos os violentos esforços do *espirito de innovação*, que he só calculado a derribar o Imperio, e está mui longe dos verdadeiros principios das saudaveis reformas, e antes vem a ser absolutamente incompativeis com as mesmas.

Era do dever dos que influirão na destruição da França, só reparar os aggravos. Se os presumidos reformadores fossem virtuosos e sabios, devião para isso no sêu melhor juizo se-

tituta, *Digesto*, e *Codigo* da anarchia, dando o titulo de *Direitos do Homem*, com tal pedantesco abuso dos elementares principios da Jurisprudencia, que até servirião de ignominia á meninos de escola. Mas a sua *Declaração de Direitos* foi

soldados contra seus Officiaes; criados contra seus amos; artistas contra seus Mestres; rendeiros contra seus Senhorios; Curas contra seus Bispos; filhos contra seus pais; vassallos contra o seu Soberano. A sua causa

o caso foi de hum Monarcha absoluto, intentando legalisar a sua Authoridade, e querendo estabelecer huma Monarchia limitada. Não se tratou jámais na Gram Bretanha de mudar as Ordens do Estado, nem arruinar o Governo; só se procurou legalisallo, conservando-se as partes constituintes da Monarchia. A dizer propriamente a verdade, e a real substancia das cousas, não se fez revolução verdadeira, mas prevenio-se que ella se fizesse com as convulsões, que as revoluções trazem comsigo. Só exigimos solidas garantias, tomámos assento de questões duvidosas, e corrigimos anomalias da nossa Lei. Não se fez revolução, nem ainda alteração, nas partes fundamentaes e estaveis da nossa Constituição de que já gozavamos; tambem não diminuimos as justas e necessarias prerogativas do Monarcha e da Corôa, antes consideravelmente as fortificámos. A Nação ficou conservando as anteriores Ordens, classes, privilegios, franquezas; as identicas regras da propriedade; as mesmas subordinações; igual ordem na Lei, Renda Publica, Magistratura; sustentámos as Cameras dos Lords, e Communs, as mesmas Corporações, e os mesmos Eleitores. No Acto do Parlamento apenas houve desvio da rigorosa regra da successão, em favor de hum Principe, que, posto não fosse o immediato, era o mais proximo na linha da successão. O Lord *Somers*, que lavrou a Lei de Declaração de Direitos, se comportou nesta delicada occasião conforme ao senso do povo; dizendo, que "era admiravel providencia, e misericordiosa benção de Deos á Nação, preservar as Pessoas de Suas Magestades Reaes, para felizmente reinarem sobre o Throno de seus Antepassados; sobre o que, do fundo dos seus corações, todas as Ordens do Estado davão suas graças e louvores."

Tambem em tal Revolução, a Igreja não soffreo o menor eclypse e detrimento. Os seus reditos, a sua majestade, o seu esplendor, as suas ordens e graduações, continuárão a ser como d'antes erão. Ella conservou-lhe toda a sua religiosa efficacia, e só a libertou de certa intolerancia, que produzia fraqueza, e menos gloria. A Igreja e a Monarchia pois ficarão sendo as mesmas, e só se constituirão melhor seguras. Não se fez Revolução na Constituição: tudo foi bom, porque principiou-se por fazer *reparação*, e *não ruina*. Em consequencia o Estado floreceo. Em lugar de se

prostrar como hum defunto, ou permanecer em huma sorte de transe, como outros Estados, com accesssos epilepticos, expostos á irrisão ou piedade do mundo, e só fazendo, semelhantes á França, estrondo por movimentos convulsivos, sem algum proposito ou effeito mais, que o de quebrarem a propria cabeça sobre o pavimento, a Gram Bretanha se elevou sobre o seu mesmo prototypo.

Dahi em diante começou huma Era de prosperidade nacional mais avantajada, a qual, ainda continua, não obstante a devastadora mão do tempo, e não só sem diminuição, mas até com augmento. Todas as energias do paiz se despertarão. Inglaterra tem por isso mostrado mais firme rosto, e mais vigoroso braço, á todos os seus inimigos e rivaes. A Europa sob seus auspicios respirou e reviveo. Em toda a parte ella tem apparecido como Protectora, Assertora, e Vingadora da verdadeira liberdade, e tem sustentado guerra até contra a mesma Fortuna. Ella fez logo concluir o Tratado de *Riswik*, que limitou o poder da França; e consolidou a Grande Alliança, que abalou até nos alicerces o tremendo Colosso Gallico, que ameaçava a independencia do Genero Hu-

mano. Os Estados da Europa forão felizes á sombra desta Grande e Livre Monarchia, que sabe ser grande, sem pôr em perigo a paz interior do proprio paiz, e a paz externa de quaesquer dos seus vizinhos.

A Revolução Franceza só tem feito dar esplendor á obscuridade, e distincção aos meritos os mais indistinctos. Tive a mais inexprimivel admiração, quando me veio noticia, de que a *nova*, que se denominou em Londres *Sociedade da Revolução*, tomando huma sorte de importancia publica, e capacidade legal, dirigia cartas de parabens á que se intitulou *Assemblea Constituente* da França, que havia completado tamanhas desordens em seu Paiz. Nenhuma pessoa ou Companhia particular, que não tem geral missão apostolica, póde, sem a maior irregularidade, abrir formal e publica correspondencia com algum novo Governo de Nação Estrangeira, sem expressa authoridade do Governo sôb o qual vive.

Sou homem lizo, e não posso ver com serenos olhos procedimentos mui refinados e engenhosos dos que se considerão superiormente illuminados, e que tomão, de motu proprio, os ares e maneiras dos estratagemas politicos. Lison-

geo-me de amar (ao menos com igual zelo que os outros,) a varonil, moral, e bem regulada liberdade civil. Tenho dado disso provas em minha conducta publica: mas não sou dos mais adiantados em dar louvor á qualquer cousa relativa á acções humanas, e negocios politicos, unicamente pela superficial vista do objecto, espoliado de todas as mais relações da Sociedade, e na nudez, e solidão das abstracções metaphysicas.

Circunstancias (que, no juizo de alguns cavalleiros, se considerão em nada) são, no meu fraco entender, as cousas mais essenciaes, e que na realidade dão á todo o principio e plano politico a conveniente côr, e effeito distincto, para se qualificar com discernimento a sua natureza. Taes circunstancias são as que constituem a cada Projecto civil, e politico, ora benefico, ora prejudicial ao Genero Humano.

Abstractamente fallando, *Governo*, e *Liberdade*, são cousas boas. Em *senso commum*, ha dez annos poderia felicitar a França pelo gozo de seu governo, sem inquirir sobre a natureza de tal governo, e se era bem administrado? Poderei eu congratular agora a mesma Nação pela sua liberdade? Por isso que a li-

berdade, em abstracto, se deve contar entre os bens do Genero Humano, poderia alguem seriamente felicitar a hum louco, por haver escapado da protectora restricção, e saudavel escuridade da sua cazinha, e de ter obtido restauração da luz, e liberdade? Darei parabens á hum salteador de estrada, e assassino, porque, quebrando a sua prizão, recobrou os seus direitos naturaes? O heroico libertador dos Condemnados á galés, só seria reputado por cavalleiro methaphysico de triste figura.

Quando vejo o espirito de liberdade em acção, vejo hum principio forte, posto em obra. Então hum gaz turbulento, ou centrifugo ar fixo, he solto dos seus naturaes vinculos. Devo pois suspender o meu juizo, até que a primeira effervescencia se tenha esfriado, o liquor se clarifique, e se possa ver no fundo alguma cousa mais do que sómente a agitação de turbada e escumosa superficie.

A lisonja corrompe a quem a faz e a quem a recebe; e a adulação dos povos não lhes he de melhor serviço, que a dos Reis. Deviamos logo demorar as congratulações á França pela sua nova liberdade, antes que se viesse no cabal conhecimento, do como ella tinha sido

combinada com a regularidade do governo; com a força publica; com a disciplina e obediencia do exercito; com a effectiva collecta e boa distribuição das Rendas do Estado; com a moralidade e religião; com a solidez da propriedade; com a paz e ordem; com as maneiras civis e sociaes. Sem estas cousas, a liberdade não he beneficio, ou vantagem duravel, mas antes maleficio, e desordem.

O effeito da liberdade nos individuos he fazerem o que lhes agrada; mas he necessario que primeiro saibamos que cousas são as que lhes agradão, antes que nos arrisquemos a dar-lhes os parabens, que se possão logo tornar em pezames. A prudencia assim o dicta, em caso de homens particulares, e obrando solitariamente; quanto mais o deve ser a respeito de Nações?

A *liberdade*, quando os homens opérão em corpo, vem a ser *poder*. Toda a gente de consideração pois deve, antes de se declarar em applausos, observar o uso que taes homens fazem deste *poder*, e particularmente de huma cousa tão perigosa como he de *novo poder*, em *novas pessoas*, e obrando por *novos principios*, e quando aliás não tem ainda dado pro-

vas de seus temperamentos, e disposições, com pouca ou nenhuma experiencia dos negocios das Nações, e quando se achão em situações e scenas, em que talvez os actores não são os seus motores.

Comprehendendo-se todas as circunstancias, a Revolução Franceza he o mais assombroso phenomeno que tem acontecido no mundo. As cousas mais maravilhosas ás vezes vem á luz pelos meios mais absurdos, nos mais ridiculos modos, e pelos mais despreziveis instrumentos. Porém alli tudo parece estar fóra da natureza, no seu estranho cáhos de leveza e ferocidade. Vem-se todas as sortes de crimes, complicados com todas as sortes de loucuras. Nesta tragicomedia, as mais oppostas paixões se revezão necessariamente, e vão de encontro no espirito: ora tem-se alternativamente desprezo, e indignação; ora rizo e lagrimas; ora desdem e horror.

A experiencia nos tem ensinado, que *não ha outro mais certo expediente de perpetuar a nossa regular liberdade, senão guardando, do modo o mais sagrado, o direito da successão hereditaria na Coroa, e nas propriedades da Nação.*

OBSERVAÇÕES SOBRE O GENIO E CARACTER DA REVOLUÇÃO FRANCEZA. E A NECESSIDADE DA GUERRA CONTRA A FACÇÃO USURPADORA.

AS minhas idéas, e os meus principios, me conduzem a considerar a França, não como Estado, mas como huma Facção. A vasta extensão territorial deste Paiz, a sua immensa população, as suas riquezas naturaes, e industriaes, e os seus bens de Commercio, e de Convenção, todo o aggregado desta grande massa de cousas, que, nos casos ordinarios, constituem a força dos Estados, são para mim objectos de consideração secundaria. Elles tem sido muitas vezes balanceados pela Gram Bretanha, e sobejamente contrapezados. Ainda que sejão

grandes aquelles meios de ataque, com tudo não fazem a Facção formidavel. O que a constitue tal, he o máo espirito que possue o Corpo da França; que informa a sua alma politica; que dá a estampa á sua ambição; que distingue os seus habitantes dos outros homens, e dos outros póvos. Aquelle espirito he o que lhe sopra huma nova, pernicioza, e destructiva actividade. Segura destroição está imminente sobre os infatuados Principes no conflicto em que se achão se se deixão illudir pelos Facciosos. Seguir a estrada batida, he ir direito ao precipicio.

A Facção não he local, ou territorial, he hum mal geral. Onde parece estar menos em acção, sempre está em vigor de vida. O seu espirito está na corrupção da nossa natureza. Ella existe em todos os paizes da Europa, e entre todas as ordens de homens de qualquer paiz, que olhão para a França como a *Cabeça commum*. O centro ahi está. A circunferencia abrange qualquer região onde exista Europeo. Em toda a parte a Facção he militante; na França he triumphante. A França he o Banco do deposito, e o Banco da circulação, de todos os perniciosos principios que estão fermentando em cada Estado.

A verdadeira natureza da guerra jacobina foi, no tempo da sua declaração, bem sentida, reconhecida, e declarada na mais exacta maneira pelos Principes Confederados. No Manifésto publicado juntamente pelo Imperador da Allemanha, e Rei da Prussia, estes Monarchas expressarão nos mais claros termos os seus principios. Se tivessem sido bem seguidos, e executados, elles não deixarião de elevar a taes Soberanos a par dos primeiros bemfeitores do Genero Humano. Aquelle Manifesto foi (dizem) publicado para fazer certos á presente geração, como tambem á posteridade, os seus motivos, e intenções, e o seu desinteresse de quaesquer designios pessoaes; declarando, que tomarão as armas para o *fim unico de preservar a Ordem social, e politica* entre todas as Nações civilizadas, e assegurar á cada Estado a sua religião, felicidade, independencia, territorio, e legal constituição. Com este fundamento esperavão, que todos os Imperios, e Estados fossem unanimes na Confederação, e viessem a ser os firmes Guardas da felicidade do Genero Humano, unindo seus esforços para livrar a huma tão populosa Nação, como a França, da sua propria furia, e salvar a Eu-

ropa do retorno do barbarismo, e o Universo da anarchia e subversão, com que estava ameaçado. Esta declaração foi tão generosa e heroica, como era sabia e politica a empreza da guerra, pela total renuncia de todos os projectos de engrandecimento. Por estes principios, e não por outros, desejava, que o nosso Soberano, e Paiz accedesse á Communidade da Europa. Assim pensei, que se faria a guerra entre os partidistas da antiga, civil, e moral ordem da Sociedade, contra huma seita de fanaticos, ambiciosos, e infieis, que aspiravão ao Imperio Universal, começando pela conquista da França.

Infelizmente os Confederados recusarão tomar o passo que podia fazer o assalto logo no coração dos negocios. Parecião não querer ferir o inimigo em nenhuma parte alguma vital. No todo, obrarão como se realmente desejassem a conservação do Governo Revolucionario. Só tiverão em vista pequenos objectos. Sempre estiverão na circunferéncia; e quanto mais largo, e remoto era o circulo da Confederação, mais anciosamente o escolherão para esféra da acção nesta guerra centrifuga. Elles deixarão ao inimigo todos os meios de destroir a sua extensa linha de

fraqueza. Neste plano, ainda com a melhor fortuna, enfraquecendo-se sempre o vencedor, se punha longe de alcançar o seu objecto. Logo que houve alguma apparencia de felicidade, o espirito de engrandecimento, e consequentemente o espito de mutuo ciume, se apoderou das Potencias Alliadas. Algumas procurarão augmento de territorio á custa da França; varias á custa de algum Alliado; e diversas á custa de terceiro Estado; e quando desandou a roda da fortuna, e sobrevierão desastres, julgarão, que o infortunio commum procedia dos vinculos da fé, e amizade. Foi só *em nome, guerra de alliança.* Não póde haver verdadeira companhia em sociedade de pilhagem. Não póde haver commum interesse, onde cada Socio não espera huma tal partilha, que lhes dê forte ardor para os ganhos respectivos. Desde que a guerra se considera meramente *guerra de proveito*, não vem mais a ser *guerra de alliança.* Que equivalente podião dar, ou esperar, os Principes da Confederação, fazendo paz separada? Que obteve com isso a Hespanha? Ah! Hespanha, já está fóra da questão: ella he agora provincia do Imperio jacobino: ella fará paz, ou guerra, segundo a ordem dos assassinos francezes. Quan-

to ao effeito, e a substancia, a sua Coroa he *feudo dos regicidas* (*).

Ou devemos entregar a Europa, pés e mãos ligadas, á França, ou devemos resgatal-la do seu poder, mudando o plano da guerra. Se, em lugar de attacalla no cemiterio das Indias Occidentaes, desembaraçassemos hum *exercito de cem mil homens* de Infanteria, Cavallaria, e Artelharia no proprio territorio da sua usurpação na Europa, a nossa gente, animada por principio, por enthusiasmo, e por vingança, achando cooperação proporcional d'Austria, teria feito prodigios para desconcertar o systema atheistico dos Revolucionarios da França, levando logo as nossas armas á *Capital da Injustiça*. Se fossemos desfeitos, tomando-se antes as precauções, seria segura a retirada. Ficando estacionarios, e só sustentando os Realistas, impenetravel barreira, e inexpugnavel baluarte se formaria entre o inimigo, e o seu poder naval. Então a guerra teria systema correspondente, e direcção certa. Porém por desgraça, as duas Corôas, Britannica, e Austria-

(*) Que espirito presago de Mr. Burke em 1795! Que diria hoje se vivo fosse, vendo a sua prophecia tão fatalmente completa?

ca, não mostrarão ter relação, e harmonia. O terror dos Cannibáes foi mais poderoso, que a influencia de familia. Austria, e Hespanha, com tantos vinculos de sangue, apostatárão da causa commum, e tudo foi perdido. Guerras duvidosas sempre terminarão em pazes humilhantes.

Na Revolução da França, duas sortes de homens derão principalmente impulsão, e caracter ás suas determinações, a saber, os que se presumião de *philosophos*, *e politicos*. Elles tomarão diversas verédas, mas todas forão convergentes ao mesmo alvo. Os philosophos (*)

(*) Deve-se isto só entender dos *falsos philosophos*, isto he, dos Letrados superficiaes, corruptos, e semi-doutos. Quando Philosophia dictou Revoluções? Os maiores philosophos da antiguidade como Socrates, Platão, Aristoteles, Seneca, não fizerão alguma desordem no Estado, antes forão victimas da Democracia e Tyrannia. Porque fanaticos e ambiciosos tem occasionado revoluções, como Mahomet, Luthero, Cromwel, e muitos outros, póde-se, sem injuria da razão e humanidade, declamar contra a Religião, e contra os Theologos e Politicos? Que incalculaveis bens tem feito á Sociedade Bacon, Newton, Smith? Aqui o zelo de Mr. *Burke* pela boa causa fez involver em indistincta censura a todos os philosophos. Isto não he verdadeiro, nem justo. Quantos philosophos ha, ainda na França, que lamentão as desgraças do seu paiz pelo progresso da irreligião! Ser philosopho he ser amador da sabedoria: Que tem isso

ganhar que perder na atrevida confissão de seus principios, então a natureza deste espirito infernal, que tem o mal por seu bem, appareceo em toda a perfeição. Então fallarão com todo o rancor, e malicia de suas linguas, e de seus corações, e ostentarão verdadeiro frenesí contra a religião, e contra todos os que a professavão. O seu atheismo foi fanatico, e homicida.

A outra sorte de homens que promoverão a Revolução Franceza, forão os *politicos*. Para os que tinhão pouco meditado sobre a religião, esta não lhes era objecto de amor, ou odio. Elles não crião em nenhuma, e isto era todo o seu fundo de saber. Sendo neutraes sobre esta parte, considerarão o aspecto dos negocios politicos pelo lado que melhor poderia corresponder á sua combinação. Logo virão, que nada podião obrar sem os philosophos; e estes assentarão, que a destroição da religião era o grande supridor de tudo. O curso dos successos produzio entre os philosophos e politicos renhidas contendas, mas todos concordarão no fundo dos objectos dos seus destinos, isto he, *irreligião*, e *ambição*.

Nesta estupenda obra não se deixou de em-

pregar principio algum de acção, com que ao mesmo tempo se vigorasse, e corrompesse o espirito humano; mas o seu pensamento transcendente foi o *engrandecimento exterior do poder Francez*. Já antes da Revolução todo o Systema Official da parte Diplomatica do Governo, desde os Ministros d' Estado até aos Amanuenses das Secretarias, cooperava para este fim. Todos os intrigantes nas Côrtes Estrangeiras, todos os espiões salariados, e todos os candidatos para empregos, obravão por este principio. Isto se patenteou sem a menor replica nos livros publicados da Correspondencia secreta de Mr. *Favier*, intitulados *Conjecturas Raciocinadas sobre a situação da França no systema politico da Europa*, cuja copia se achou no Gabinete de Luiz XVI., e que na França se proclamou ser *Novo Beneficio da Revolução*. Inextricavel cabala se tinha formado de pessoas das altas ordens, e das classes inferiores, que de dia a dia augmentou hum corpo de politicos, activo, aventureiro, ambicioso, e descontente, cujos membros desprezavão a Côrte, que os empregava, e as em que erão empregados. Aquelle bom Soberano veio a ser a victima da falsa politica de seu Antecessor, que foi a causa da ne-

taes como *Gengiskam* e *Mahomet*, tendo unidade de designio, e perseverança. Os Regedores da França acharão os seus recursos nos crimes, e na tremenda energia com que o Governo não respeita sorte alguma de propriedade. Quando o Estado tem a propriedade particular e publica em completa sujeição, não ha mais regras para os espiritos de homens desesperados. Esta descuberta he horrivel, e vem a ser para malfeitores huma mina inexgotavel: elles tem tudo a ganhar, e nada a perder. *Tem huma herdade infinita em esperança*: não ha meio para elles entre a mais alta elevação, e a morte com infamia.

Ou o novo systema da França deve ser destruido, ou elle destruirá a Europa. He geral loucura, e perdição deixallo estabelecer no meio da Europa, e em hum posto, onde a França, commandando a todos os outros Estados, eminentemente confronta e ameaça a todos os Reinos, com a sua *central geographia*, e sua *fronteira de ferro*. (*).

(*) Expressão do celebre Frederico o Grande, Rei da Prussia, o qual dizia, que era vão esperar debellar a França, em quanto tivesse a *fronteira de ferro* de tantas linhas de Praças fortes.

Na França todas as cousas estão postas em hum universal fermento, e na decomposição da sociedade. Se não nos animamos a arrostar a portentosa energia gallica, que não he soffreada por alguma consideração de Deos, ou dos homens; que he sempre vigilante, e sempre em ataque; que não permitte a si mesma repouzo, e não soffre a ninguem ficar huma hora com impunidade; se intentarmos resistir á esta energia com *pobres maximas vulgares, e lugares communs da Politica velha*, sempre com medos, duvidas, suspeitas, com languida, e inerte hesitação, e meramente com o *espirito official*, e carregado de formalidades, que abandona o proposito á cada obstaculo, e que não vê as difficuldades senão para ceder, até se precipitar no profundo de abysmo, só a *Omnipotencia* nos póde salvar.

Temos a combater com inimigo de viciosa, e destemperada actividade: a virtude he limitada nos seus recursos: somos obrigados a obrar dentro do circulo da nossa Moral. Como somos os principaes no perigo, devemos ser os principaes nos esforços. A Europa não póde ser salva sem a nossa intervenção.

Pela guarda inviolavel desta regra, o *espirito de cautela* predominou em a nossa Revolução no Conselho Nacional, estando-se aliás em situação, em que os homens irritados pela oppressão, e elevados pelo triumpho sobre ella, erão propensos a abandonarem a si mesmos á procedimentos violentos e extremos: elle mostrou a anciedade dos grandes homens que influirão na conducta dos negocios nessa grande épocha, para fazerem que a revolução fosse a mãi dos bons estabelecimentos, e não a matriz de futuras revoluções. A nossa Constituição não fez do Rei huma *Justiça de Aragão*, (*) nem estabeleceo Tribunal em que elle se submettesse á alguma responsabilidade; antes constituio a sua *Pessoa Sagrada*, e, na presumpção de Direito, impeccavel.

A nossa mais antiga reforma he a *Magna Charta* do Rei João. *Coke*, o Oraculo da nossa Lei, e todos os grandes homens que o seguirão até *Blackston*, se esforção em mostrar, que esta foi a columna da nossa Liberdade, e que era connexa com outra Charta

(*) Isto allude ao antigo uso do governo feudal de Hespanha, e em particular do Reino de Aragão, em que os Deputados das Côrtes, escolhendo Rei, propunhão-lhe condições, dizendo: *se assim, sim; se não, não.*

mais antiga de Henrique I., e que huma e outra não erão mais que mera confirmação de ainda mais antiga e constante *Lei da Terra.* Assim foi sempre a firme politica destes Reinos considerar os mais sagrados direitos, e *franquezas*, como *herança.*

Na famosa Lei de Carlos I., chamada a *Petição de Direito*, o Parlamento disse ao Rei — os Vossos Vassallos tem herdado esta liberdade —; reclamando as suas franquezas, não pelos abstractos principios de *Direitos do Homem* á franceza, mas como direitos consuetudinarios dos Inglezes, e patrimonio derivado de seus antepassados. A uniforme policia pois da nossa Constituição na Revolução só reclamou e consolidou a *herança fidei-commissaria* dos nossos maiores, para ser transmittida tambem illesa á nossa posteridade.

Por isso temos Corôa hereditaria: Nobreza hereditaria: Casa de Communs e Povo herdando privilegios, franquezas, e liberdade, por huma longa linha de muitos avós de avós, para perpetuidade da Monarchia Britannica. Assim poderemos dizer

——————multos que per annos
Stat fortuna domus, et avi numerantur avorum.

Esta policia parece-me o resultado de profunda reflexão, ou (para melhor dizer) he o feliz effeito de seguir-se o *dictame da natureza*, que he a *sabedoria sem reflexão*, e que vem a ser ainda sobre ella. Não se póde olhar para os vindouros, sem tambem elevar as nossas vistas aos antepassados. A idéa de herança fornece seguro *principio de conservação*, e seguro *principio de transmissão*, sem todavia excluir o *principio de melhora*. Ella deixa livre os meios de novas adquisições, mas segura o adquirido.

Quando hum Estado se governa por estas maximas, constitue-se huma sorte de *Estabelecimento de Familia*, com a perpetuidade das *Corporações de mão-morta*. Quando a Policia Constitucional obra sobre o modelo da natureza, transmittimos o nosso governo, e os nossos privilegios, como transmittimos as nossas vidas, e as nossas propriedades. Assim as instituições saudaveis, os bens da fortuna, os dons da Providencia, se traspassão, como de mão á mão, de pais a filhos, na mesma carreira e ordem das operações da Natureza; e então o Corpo Politico se mantem em saude habitual de huma boa Constituição.

O noso Systema está posto em justa correspondencia com a harmonia do Mundo, e com o modo de existencia decretado á hum Corpo permanente, composto de partes transitorias, pela disposição da estupenda Sabedoria, que moldou a grande mysteriosa incorporação da Especie Humana, e que, subsistindo no todo em huma constancia immutavel, se move por variado theor de perpetua decadencia, morte, renovação, e progresso das suas partes componentes. Assim afferrando-nos aos bons principios dos nossos antepassados, não somos guiados pela superstição dos antiquarios, mas pelo espirito de analogia philosophica. Nesta escola de herança, damos á nossa fórma politica a imagem de consanguinidade; e ligando a Constituição politica aos nossos mais caros laços domesticos, e adoptando as nossas leis fundamentaes no seio das nossas affeições de familia, sustentamos inseparaveis, e amamos com ardor de todos os caracteres combinados, e mutuamente reflectidos, o nosso Estado, os nossos lares, os nossos sepulchros, e os nossos altares.

Pelo mesmo plano de conformidade á natureza em as nossas artificiaes instituições, e

chamando em ajuda dellas os seus poderosos instinctos (que não errão) para fortificar os falliveis e fracos esforços de nossa razão, temos percebido não pequenos beneficios de considerar a nossa liberdade como herança. Procedendo sempre como em presença de nossos canonisados avós, o espirito de liberdade, (que de si mesmo se precipita á excessos) he temperado por huma respeitosa gravidade. A idéa de huma descendencia liberal nos inspira sentimentos de nativa dignidade; no que se previne a insolencia de levantados, que quasi inevitavelmente acompanha e deshonra os que repentinamente adquirem alguma distinção.

Por este meio, a nossa liberdade vem a ser huma nobre franqueza, e traz comsigo hum aspecto majestoso, dando lustre á prosapia dos nossos antepassados. Ella apresenta os seus timbres e brazões: ella tem sua galeria de retratos: suas inscripções de monumentos: seus depositos e titulos de nobreza. Procuramos reverenciar as nossas instituições civis, pelo mesmo principio com que a natureza nos ensina a reverenciar os individuos veneraveis, isto he, em attenção á sua idade, e aos seus bons ascendentes. Todos os sophistas Francezes não

pódem produzir cousa alguma mais propria a conservar a racional e varonil liberdade, do que a carreira que temos seguido, escolhendo por guia antes a natureza que a phantasia, e os nossos corações antes que as nossas ficções, para serem os reservatorios [illegible] dos nossos direitos e privilegios.

Como, em o mundo natural, o conflicto reciproco de forças discordantes constitue a harmonia do Universo, assim, em o mundo politico, a reciproca opposição e combinação de interesses, longe de affear a nossa Constituição, põe nella os saudaveis contrabalanços, que retem na propria esphera, e nos devidos limites, todas as resoluções precipitadas. Elles fazem as nossas deliberações objecto de necessidade, e não de escolha, e toda a mudança, só materia de concordata, a qual naturalmente produz moderação, e temperança, que previne o cancroso mal de quaesquer duras, e despropositadas reformas, e torna para sempre impraticaveis os temerarios esforços do poder arbitrario, seja de poucos ambiciosos, seja da plebe tumultuaria. Pela mesma diversidade dos membros e interesses de qualquer Nação, a geral liberdade tem tantas seguranças, quantas são os

designios separados das differentes Ordens do Estado; entretanto que, sendo todo o edificio equilibrado e comprimido pelo peso de huma monarchia regular, impede-se que cada parte solitaria se desconcerte, e salte dos seus competentes póstos.

A França tinha todas estas vantagens no seu antigo systema; porém preferio o obrar, como se nunca tivesse entrado no usual molde da Sociedade Civil, e como se houvesse de começar de novo a carreira da Civilisação. Principiou mal, porque principiou por desprezar tudo que lhe pertencia. Assemelhou-se á hum individuo que principia o seu commercio sem capital. Se as primeiras mais remotas gerações de tal paiz apparecessem sem lustre aos seus olhos, poderia tellas preterido, e procurado os direitos nacionaes em os seus mais proximos antepassados. Tendo por elles huma pia predilecção, os Francezes terião achado nos mesmos seus bons avós, hum padrão de virtude e sabedoria superior á pratica da gente actual, e se terião exaltado com os nobres exemplos que aspirassem imitar. Respeitando aos seus mais gloriosos antepassados, aprenderião a respeitar á si proprios. Não se terião conside-

rado como hum povo de dous dias, e vil escravatura, que tentava conseguir a alforria, que suppõe ter-lhes vindo em 1789.

Não seria mais digno o considerar-se a Nação Franceza como huma Nação generosa, e cavalheira, sim ha muito tempo extraviada, em desavantagem propria, pelos seus altos e romanescos sentimentos de fidelidade, honra, e patriotismo; mas que, supposto alguns successos politicos lhes fossem desfavoraveis, com tudo nunca fora reduzida á escravidão, por ter indole illiberal e servil, e que, na sua mais submissa reverencia ao Governo, era só incitada por hum principio de espirito publico, e que cada cidadão adorava o proprio paiz na pessoa do seu Soberano? Se tivesse feito entender, que, na illusão deste amavel erro, intentava adiantar-se aos antepassados, e estava resolvida a recuperar os seus antigos privilegios, conservando todavia o espirito da antiga lealdade e honra; se, desconfiando de si, e não tendo em estima as suas antiquadas Constituições, olhasse para a Gram Bretanha, que conservou sempre os bons principios e modelos da Lei Geral da Europa, já melhorada, e accomodada ao presente estado, seguin-

do os seus mais sabios exemplos, teria sem duvida dado novas provas de sabedoria ao Mundo.

Então a França faria a causa da liberdade veneravel aos olhos de toda a pessoa digna em qualquer Nação; o despotismo, por vergonha, se degradaria da terra; e a experiencia mostraria, que a liberdade, sendo bem disciplinada, não só era conciliavel, mas até auxiliar, á Lei. Assim, em lugar de ter hum redito publico oppressivo, o teria productivo: sustentaria hum commercio florente; teria huma Constituição livre; huma poderosa monarchia; hum Clero reformado, e veneravel; huma Nobreza espirituosa, não insultante, e só propria a ser a guia da virtude nacional; teria tambem huma liberal Classe de Homens Bons da terra, para emularem a Nobreza, e entrarem gradualmente os seus melhores individuos para esta superior ordem; teria hum Povo bem protegido, constante, laborioso, subordinado, e instruido a procurar por justos meios a melhora da propria condição.

Então na França geralmente se reconheceria; que *a felicidade só se acha por meio da virtude de todas as condições de pessoas, e*

que nisso consiste a verdadeira igualdade moral do Genero Humano, e não em a monstruosa ficção dos revolucionarios, que inspirando idéas falsas, e vãs esperanças, aos individuos destinados a passar pela escura estrada de huma vida de trabalhos, serve sómente de muito aggravar, e ainda mais extender, a real desigualdade, que não se póde jámais remover, e que a ordem da vida civil estabelece, tanto para beneficio daquelles a quem a fortuna deixa em hum estado humilde, como tambem para aquelles que tem exaltado á huma sorte mais esplendida, ainda que não mais feliz.

Tire a França a conta de seus ganhos: veja o que lucrou pelas extravagantes e presumpçosas especulações, que ensinarão aos Cabeças da revolução a desprezar todos os seus predecessores, e contemporaneos, e ainda a desprezar a si proprios, até o extremo de se reduzirem a ser verdadeiramente despreziveis. A França, seguindo luzes falsas, comprou as mais certas calamidades por mais alto preço, do que outras Nações tem comprado ainda os bens mais seguros! França comprou pobreza por malfeitoria. França não só sacrificou

a sua virtude ao seu interesse, mas até abandonou o proprio interesse para prostituir a sua virtude.

Todas as outras Nações tem principiado a fabrica de seu novo governo, e a reforma do antigo, estabelecendo logo na origem, e fazendo executar com grande exacção, algum rito religioso de culto publico. Todos os mais reformadores tem firmado os fundamentos da liberdade civil em algum systema da mais austéra moralidade, ainda que aliás differente nas maneiras. A França porém, soltando as redeas da Authoridade Real, redobrou a licenciosidade com a mais feroz dissolução dos costumes, e insolente irreligião em idéas e práticas; extendendo por todas as classes de individuos, e modos de vida, todas as infelizes corrupções, que ordinariamente produzem as enfermidades que se originão do abuso da riqueza e poder. Este foi hum dos falsos principios da igualdade franceza, isto he a *igualdade de vicios*.

O Parlamento de Pariz disse ao Rei, que, convocando os Estados Geraes, nada teria a temer do excesso do seu zelo em prover ao sustento do Throno. Os que derão esse conse-

lho, trouxerão ruina sobre si, seu Soberano, e seu paiz. Taes declarações temerarias tendem a deixar dormir a Authoridade Real, e animalla a precipitar-se á aventuras perigosas de novas medidas politicas, de que se não tem experimentado os bons ou máos effeitos, e a desprezar as preparações e precauções, que distinguem a benevolencia da imbecillidade, e sem que, nenhuma pessoa póde responder pelos saudaveis resultados de algum abstracto Plano de governo, ou de liberdade. Por falta destas precauções vi a Medicina do Estado corrompida em veneno proprio. Os conselheiros virão os Francezes rebellarem-se contra o seu ingenuo e legitimo Monarcha com mais furia e crueldade, que nunca povo algum praticou contra o mais illegal usurpador, ou contra o mais sanguinario Tyranno. Elles atirárão com a mais vil traição contra a mesma generosa mão, que lhe prodigalisava graças, favores, e immunidades.

Tudo isto foi desnaturado, mas o resto estava na ordem. Elles achárão o seu castigo no complemento dos proprios desvarios. Leis transtornadas; Tribunaes subvertidos; industria sem vigor; commercio expirante; renda publica abatida; o povo mais indigente; a Igreja es-

poliada; o Estado sem allivio; todas as cousas divinas e humanas sacrificadas ao idolo do Credito Publico; e com tudo a bancarrota nacional verificou-se; e, para coroar tudo, vans seguranças do *papel-moeda*, que intitulárão *Assignados*, destinadas a sustentar o novo, precario, e vacilante poder, não sendo senão desacreditadas garantias da fraude empobrecida, e da rapina mendicante, se constituirão o dinheiro corrente, em lugar das duas reconhecidas especies de numerario, (oiro e prata) que representão o duravel convencional credito do Genero Humano, as quaes desapparecerão e se esconderão na terra donde vierão, ao mesmo tempo que o principio da propriedade, de que ellas são creaturas, e representantes, foi systematicamente pervertido.

Na Assemblea Nacional da França, ainda que houvessem algumas pessoas de alto nome, e de brilhantes talentos, não se achou huma só que tivesse assás experiencia prática de negocios de Estado. Os melhores Vogaes apenas erão homens de theoria. Em taes corporações, os cabeças que dirigem os collegas, são tambem guiados em seu turno por estes. Por mais altos que sejão os seus conhecimen-

tos, he forçoso que conformem as suas propostas ao gosto, talento, e procedimento daquelles a quem dirigem: e por tanto, se a companhia he composta viciosa ou fracamente em grande parte da mesma, só hum supremo gráo de virtude, que raras vezes apparece no mundo (e por essa razão não póde entrar em calculo) he capaz de fazer, que os homens de genio, espalhados na geral massa, deixem de ser os instrumentos dos mais absurdos projectos. Se porém (o que he mais natural) em vez de terem hum gráo de virtude além do ordinario, forem agitados de sinistra ambição, e lascivo desejo de gloria meretricia, então a parte fraca de tal corporação vem por fim a ser o instrumento de seus designios. Neste trafico politico, os cabeças serão tão obrigados a curvar-se á ignorancia dos seus sequazes, como estes a servirem aos peiores designios de seus directores.

Para segurar pois algum gráo de sobriedade nas propostas feitas pelos que tomão o ascendente nas deliberações de Assemblea publica, he necessario que respeitem, e que em algum gráo temão, aquelles a quem encaminhão, e dão impulso nas obras. Ora nenhuma

cousa póde segurar hum firme e moderado procedimento em taes Assembleas, senão o ser o seu corpo respeitavelmente composto de muitas pessoas, que em condição de vida, permanente propriedade, e nobreza de educação, tenhão adquirido habitos que alarguem e liberalizem o entendimento.

Porém a Assemblea Nacional da França foi composta, não de Magistrados distinctos, que já tivessem dado a seu paiz penhores de sciencia, prudencia, e integridade; não de Advogados avantajados, que tivessem sido a gloria do Foro; não de Professores famosos das Universidades; mas na maior parte se encheo de multidão de membros inferiores illiteratos, e até de mechanicos, meros instrumentos passivos na mão dos Collegas de superior capacidade; escuros Advogados de provincia; Procuradores e Escrivães, e mais trém de gente que sempre viveo de trapaças, e da pequena guerra de demandas de villas. Onde quer que se entregue a authoridade suprema á hum Corpo assim composto, hão de se experimentar os effeitos de se confiar tão sagrado poder á pessoas que não tem sido ensinadas habitualmente a respeitar a si mesmas, que não tem dado pré-

via fortuna que lhe dê caracter que sustentem, não se póde esperar, que manejem com moderação, ou conduzão com discernimento, hum poder, que elles mesmos, mais ainda do que quaesquer outras pessoas, se admirão de achar entre as proprias mãos.

Quem se poderia lisongear, que taes pessoas, vendo-se de repente arrancadas dos mais humildes gráos de subordinação, não se infatuassem com a sua grandeza não preparada? Quem conçeberia que homens, que são habitualmente intromettidos, ousados, subtis, activos, de disposição contenciosa, e de espiritos inquietos, tornarião a cahir de boa vontade em sua antiga condição de viverem de huma laboriosa, baixa, e pouco lucrativa trapaça? Quem duvidaria, que elles não promovessem á custa do Estado, de que nada entendem, os proprios interesses, de que erão tão conhecedores? O successo pois não era contingente, mas necessario, e fundado em a natureza das cousas. Havião de certo fazer huma Constituição litigiosa, que abrisse o campo de innumeraveis disputas lucrativas, infalliveis consequencias de todas as grandes convulsões dos Estados, e particularmente em todas as grandes e violentas

transmutações da propriedade. Como se poderia esperar que consultassem á estabilidade da propriedade, pessoas cuja existencia tinha sempre dependido de tudo que faz a propriedade controversa, ambigua, e não segura?

Nem estes homens podião ser moderados e reprimidos por pessoas de mais circunspectos espiritos, e mais elevadas intelligencias. Pois muitos dos membros d' Assemblea até erão camponezes e paizanos, que não sabião ler nem escrever; e muito maior numero erão negociantes, que, posto sejão ás vezes mais instruidos que as outras classes inferiores, e muitos fossem conspicuos na ordem da sociedade, com tudo não conhecem cousa alguma além do seu escritorio. Tambem havião membros da Faculdade de Medicina. Mas os leitos dos doentes não são Academias para formar Estadistas, e Legisladores. Entrárão igualmente capitalistas, que antes tratavão em compras de fundos publicos, e que naturalmente serião mui cuidadosos de trocar a sua riqueza ideal de papel-moeda em mais solida substancia da terra. Havião finalmente outras classes de pessoas da mesma estofa, não habituadas á sentimentos de dignidade, e mais proprios a se-

rem instrumentos que obstaculos de Cabalas. Com tão perigosa desproporção de pessoas desta qualidade a respeito das que podião bem servir o Estado obrando por espirito publico, a desordem era inevitavel.

A Camara dos Communs de Inglaterra, sem fechar as portas á merecimento algum de qualquer classe, he cheia, por operações de adequadas causas, com toda gente que o paiz póde dar illustre em ordem, em prosapia, em hereditaria e adquirida opulencia, em talentos cultivados, e em toda a especie de distincção militar, civil, naval, e politica. Se ella fosse composta da miscellanea da Assemblea Franceza, poderia o dominio da trapaça ser tolerado com paciencia, ou ainda concebido sem horror?

A Deos não praza que eu insinue cousa alguma que derogue á profissão da Jurisprudencia, que vem a ser como outro Sacerdocio, que administra os direitos da sagrada justiça. Mas a sua excellencia, quanto ao exercicio de suas funcções privativas, não lhe dá qualificação para as de diverso objecto. Os seus Professores são bons e uteis para entrarem em Composição dos Corpos publicos; mas

são maleficos, se proponderão em modo, que constituão o total delles. Não póde escapar á observação de pessoas de senso, que, quando os Consultos estão mui restrictos aos habitos de sua faculdade, e, por assim dizer, inveterados em empregos de curto circulo, ficão inhabilitados á qualquer Officio, que requer conhecimento do genero humano, e experiencia de negocios grandes, complicados, e comprehensivos de interesses internos e externos da Nação, que servem a organisar obra tão complexa, como he a *Constituição do Estado.*

Por isso a Assemblea Franceza, destruindo todas as Ordens do Estado, não foi retida em seus actos, nem por Leis fundamentaes, nem por convenção de direito estreito, nem por algum respeitado uso. Nada no Ceo e na terra podia servir para os enfrear nas suas resoluções. *Os nescios se precipitão a correr onde os Anjos temem passar.* Em tal estado de hum poder illimitado, e para propositos indefinidos e indefiniveis, o mal da moral, e quasi physica, ineptidão dos homens para as funcções de tal Corpo, devia ser o maior que se póde conceber nos negocios humanos.

As revoluções das guerras civis de Ingla-

terra no tempo de *Cromwell*, e da França no tempo dos *Guises*, *Condés*, e *Colignys*, ainda que cheias de matanças, todavia não assassinárão tambem o espirito do paiz. A consciencia da dignidade nacional, o nobre orgulho, e o senso de generosa emulação, não se extinguirão. Continuárão a existir os orgãos do Estado, ainda que convulsos. Permanecerão todos os premios da honra e virtude. Mas a presente confusão, semelhante á paralysia, attacou até a mesma fonte da vida. Os que sobrevíverem ás actuaes desordens, não experimentaráõ sensação de vida, excepto na mortificada e humilhada indignação. A geração seguinte será composta de jogadores, usurarios, e judaizantes.

Os que tentão nivellar as classes dos individuos, jámais as igualizão. Em todas as Sociedades, compostas de varias descripções de pessoas, algumas sempre serão superiores, e preeminentes. Os nivelladores pois só mudão e pervertem a natural ordem das cousas: elles sobrecarregão o edificio da Sociedade, pondo nos ares o que a solidez da estructura requer que esteja no chão. Associações de officiaes mechanicos não pódem ser adequadas á situações

altas do Estado, em que, se intentão collocal-los, pela peior de todas as usurpações, *a usurpação das prerogativas da natureza.*

O Chanceller da França na abertura dos Estados Geraes, em tom de florida figura rhetorica disse, que *todas as profissões erão honradas.* Se queria nisso dizer, que nenhum emprego honesto he ignominioso a quem o exerce, não iria fóra da verdade. Mas dizer, que cada emprego he emprego de honra, he dizer que elle tem em si alguma distincção. Ora não he menos certo, que v. g. o officio de cabelleireiro, ou de fabricante de velas de sebo, não traz honra e distincção á pessoa alguma. Os outros empregos mais ou menos baixos, e servís, estão em igual caso. Sem duvida as pessoas que os exercem, não devem soffrer oppressão do Estado; mas o Estado soffreria oppressão, se se tolerasse que taes pessoas tivessem parte no governo. Nisto não combatemos prejuizo algum: os que dizem o contrario, fazem guerra á natureza.

O Livro do Ecclesiastico ensina admiravelmente no cap. 38. *A sabedoria do escritor vem no tempo do descanço; e só póde ser sabio, quem não he obrigado a fazer trabalhos duros para ganhar sua vida. Que sabedoria*

póde ter o lavrador, que tem sempre a relha do arado na mão, e só falla em bois, novilhos, e gordura de vaccas? Assim he o oleiro, e todos os mais artistas, sem os quaes não ha cidade. Sendo peritos na sua arte, são attendiveis no que pertence á obra dellas. Mas não serão convocados para Deliberações de interesse publico, nem se assentarão na Cadeira do Juiz etc.

Não se imagine que desejo monopolisar o poder, authoridade, e distincção, tão sómente para vantagem da Nobreza de sangue, nomes, e titulos. Não ha qualificação para o governo senão Virtude, e Sabedoria, *actual*, ou *presumptiva.* Achando-se estas qualidades em qualquer estado, condição, profissão, ou modo de vida, os que as possuem, tem passaporte do Ceo para lugares de honra humana. Ay do paiz, que, fátua e impiamente, rejeitasse o serviço dos talentos e virtudes civis, militares, e religiosas, que lhe são dadas para ornar e aproveitar o mesmo paiz, e que condemnasse á obscuridade qualquer habilidade destinada a espargir lustre e gloria em torno do Estado! Mas tambem ay do paiz, que, passando ao extremo opposto, considerasse a educação baixa, que só dá mui estreita vista das cousas, e as occupa-

ções sordidas, e mercenarias, como titulos preferiveis para governo das Nações. Todos os caminhos ás honras do Estado devem ser abertos; mas todos os postos não devem ser indifferentes á cada pessoa. Não he isto dizer, que a estrada á eminencia e poder no Estado deva ser feita muito facil, nem mui trivial. Se o merecimento raro he a mais rara de todas as cousas, elle deve passar por huma sorte de prova. O templo da honra deve ser estabelecido em o cume de monte alcantilado. Se deve ser accessivel á Virtude, devemo-nos lembrar, que a Virtude não he jámais bem experimentada, senão com bastante difficuldade, e algum combate.

Nenhuma cousa he tão devida e adequada representação do Estado, como a *habilidade* dos individuos que o compõe, e a sua *propriedade*. Mas como a habilidade he hum principio vigoroso e activo, e a propriedade hum principio bronco, inerte, e timido, a propriedade não póde ser segura das invasões da habilidade, sem que, no calculo das proporções, ella predomine na dita representação. Ella ou deve ser representada exuberantemente nas grandes massas de accumulação de bens, ou, do contrario, não será realmente protegida.

A caracteristica essencia da propriedade, formada dos combinados principios de sua adquisição e conservação, he o ser *desigual*. As grandes massas pois de propriedade que excitão a inveja, e tentão a rapacidade, devem ser postas fóra da possibilidade de perigo. Então ellas formão o natural baluarte em roda das menores propriedades, em todas as suas graduações. A mesma quantidade de propriedade, que, pelo curso natural das cousas, he dividida entre muitos, não tem a mesma operação. O seu poder defensivo se enfraquece, á medida que se diffunde. Nesta diffusão, a porção de cada pessoa he menos do que, no fervor de seus desejos, se poderia lisongear de obter dissipando as accumulações das outras pessoas. O roubo de poucos daria insignificante partilha na distribuição feita á muitos. Porém o grosso do povo não he capaz de fazer este calculo; e os que conduzem á rapina, jámais intentão fazer essa distribuição.

A liberdade civil não se póde julgar perfeita, onde a propriedade não está segura. O poder de perpetuar a nossa propriedade em as nossas familias, he huma das mais preciosas e interessantes circunstancias, que lhes pertencem, e que mais tende a perpetuar a sociedade civil.

Elle faz que a nossa fraqueza sirva á nossa virtude, e até enxerta a benevolencia na avareza. Os possuidores de riqueza de familia, e de distincção, que acompanha a posse hereditaria de bens e titulos de avós, são as naturaes seguranças para o seu traspasso aos descendentes. A nossa Camara dos Pares he formada sobre este principio: ella he toda composta de propriedade, e distincção hereditaria; e constitue a terça parte do Corpo Legislativo; e, em ultima instancia, he o unico juiz de toda a propriedade, em todas as suas subdivisões. Tambem a Camara dos Communs, ainda que não necessariamente, com tudo, de facto, he sempre composta, na maior parte, de homens de propriedade Quanto maior he o numero destes (e naturalmente devem ser os melhores desta classe) tanto melhor formão o lastro da Náo do Estado. Sim a riqueza hereditaria, e a nobreza que della provém, he mui idolatrada por servis sycophantas, cegos e abjectos admiradores do poder; mas tambem he temerariamente desprezada nas superficiaes especulações de petulantes, e orgulhosos paralvilhos da falsa philosophia. Dar-se ao *nascimento nobre* alguma decente e regulada preeminencia, e alguma preferencia (não privilegio exclusivo ás

honras do Estado) não he desnatural, nem injusto, nem impolitico.

Tem-se dito, que o interese de milhões de pessoas de que se compõe huma Nação, deve prevalecer ao de poucos milhares, que fórmão o numero de seus nobres e ricos. Isto seria verdade, se a Constituição dos Estados fosse hum problema de Arithmetica: mas tal discurso he ridiculo para pessoas que discorrem com acerto. A vontade de muitos, e o seu interesse, pódem ser cousas mui distinctas. Hum governo politico, que não se funda principalmente no grande interesse da propriedade, está fóra da natureza das cousas. Como, pela nova Constituição, feita por escuros procuradores, e parochos de provincia, de envólta com huma duzia de nobres descontentes, e desertores da sua ordem, a propriedade não servio de governo ao paiz, a obvia consequencia foi ser destruida a propriedade, sem a qual todavia não póde existir liberdade racional. Quando a Assemblea Nacional, composta daquella gente, deo por acabada a sua obra, completou a ruina do paiz.

Em vão se falla á ambiciosos e anarchistas sobre a pratica dos nossos antepassados, leis fundamentaes do paiz, e fixa fórma de Constitui-

ção, cujo merecimento aliás se confirma pelo solido criterio de longa experiencia, e progressiva prōsperidade publica. Elles desprezão a experiencia, como sabedoria de homens não letrados; e com suas visionarias theorias preparão a mina, que deve fazer estourar com huma grande explosão todos os exemplos de antiguidade, arestos, e diplomas publicos. Reconhecem que os tempos dessa explosão serão calamitosos. Mas dizem, que a convulsão no mundo politico não he objecto digno de lamentação, havendo de ser seguida por tão benefico effeito, qual he o de se estabelecer na terra o Codigo dos *Direitos do Homem.* Eis como esta casta de gente se prepara a ver com firmes olhos as maiores calamidades que possão sobrevir á seu paiz!

Devem-se distinguir os *reaes direitos do homem* dos *falsos direitos* que os enthusiastas revolucionarios vagamente inculcarão. Estes *direi[illegible] espurios* só servem a destruir inteiramente a[illegible]lles *direitos genuinos.*

C[illegible] a Sociedade Civil he feita para vantagem do homem, todas as vantagens, para ter as quaes se estabelece a Sociedade, vem a ser o seu verdadeiro direito. A Sociedade he huma instituição de beneficencia, e a Lei Civil não

he mais que a beneficencia publica, declarada em regra positiva. Os homens tem direito a viver por esta regra. Por tanto tem direito á que se lhe faça justiça, como vivendo entre concidadãos, quer obrem em funcção politica, quer em seus ordinarios negocios. Elles tem direito ao fructo da sua industria, e aos meios de fazer esta industria fructifera. Elles tem direito á herança dos bens de seus pais, á sustentação, e educação de seus filhos, á instrucção na vida, e consolação na morte. Tem direito de fazer para si separadamente tudo aquillo que lhes he possivel fazer sem offensa do direito dos outros. Tem direito á huma equitativa partilha dos bens da Sociedade, que esta he capaz de fazer em favor de cada individuo com todas as suas combinações de sabedoria e força. Nesta companhia, todos os homens tem iguaes direitos, mas não á quaesquer cousas. O que só entrou com cinco shellings para huma companhia, tem tão igual direito á partilha dos lucros da sua entrada, como o que entrou com quinhentos shellings o tem para maior porção, proporcional á maioria de seu capital. Mas não tem direito á igual dividendo no producto do fundo unido da Sociedade. Quanto porém a terem todos tambem par-

tilha de poder, authoridade, e direcção de cada individuo no governo do Estado, nego que jámais fossem esses os originaes direitos do homem em qualquer Sociedade Civil, pois contemplo o homem social, e não o homem natural.

Hum dos primeiros motivos da Sociedade civil, e que pertence ás suas regras fundamentaes, he que nenhum homem seja juiz na propria causa. Por esta regra, toda a pessoa se priva do primeiro fundamental direito de cada homem, antes que entrasse em sociedade civil por contrato, isto he, do direito que tinha de julgar na propria causa, e ser por si mesmo o vingador do seu direito. Elle abdica inteiramente este direito á pessoa á quem se entregou o governo. Elle até em grande parte abandona o direito natural da defeza propria, que aliás se funda na primitiva lei da natureza.

Os homens não pódem ao mesmo tempo gozar dos direitos do estado salvagem, e do civilisado. Para que possa cada individuo na Sociedade civil alcançar justiça, deve renunciar ao direito de decidir o que lhe he em certos pontos o mais essencial. Para segurar alguma liberdade racionavel, deve render á discrição o total dos direitos, que antes tinha, e nos quaes en-

trava tambem a liberdade de mal fazer, e de pôr em perigo a existencia e commodidade dos outros.

O Governo não he feito em virtude de direitos naturaes, que possão existir com absoluta independencia do mesmo governo. Abstracta perfeição de taes direitos vem a ser o seu defeito prático. Os homens no estado salvagem, por terem illimitado direito á todas as cousas, vem a ter falta de tudo. O Governo he huma especulação da Sabedoria humana, para providenciar ás precisões dos homens. Os homens tem direito a que a sabedoria do Governo proveja á estas precisões. Entre estas precisões deve-se contar por huma principal, o haver huma fórma de sociedade civil, com sufficiente restricção sobre as paixões dos homens. A Sociedade requer, não só que as paixões dos individuos sejão sujeitas á alguma authoridade que as reprima; mas tambem, que, no corpo do povo, as inclinações dos homens sejão frequentemente encontradas, e que a sua vontade seja em justos termos restricta. Isto só se póde fazer por hum poder que esteja fóra delles, e que, no exercicio de suas funcções, não seja sujeito á vontade e ás paixões do povo; visto que o officio do Governo consiste

em impor-lhes o devido freio e jugo. Neste sentido, não só as liberdades dos homens, mas tambem as restricções dellas, se devem contar entre os seus direitos. Mas estas liberdades, e suas restricções, varião com os tempos e circunstancias: e admittem infinitas modificações. Por tanto ellas não se pódem estabelecer por *abstractas regras*.

Desde o momento que se rebate alguma cousa dos plenos direitos do homem do estado salvagem, isto he, desde que cedeo do direito que tinha de se governar por si só, e soffreo alguma limitação desse direito, logo a *organização do governo* vem a ser *Consideração de Conveniencia*. Isto he o que faz a Constituição do Estado, e a devida distribuição dos seus poderes, hum objecto da mais melindrosa e complicada sabedoria. Ella requer profundo conhecimento da natureza humana, das necessidades sociaes, e das cousas que facilitão ou obstruem os varios fins que convém se procurem pelas instituições civis. O Estado deve ter sempre em si hum fundo de força, vida, e remedio, para as proprias enfermidades. Quando hum Estado fraco e doente carece de mantença e medicina, o methodo de lhe procurar e administrar sustento e curati-

vo não he fazer abstractas discussões dos direito do homem. Na deliberação dos melhores meios de lhe dar vida e saude, deve-se antes consultar ao lavrador, do que ao professor de metaphysica.

A sciencia de construir hum Estado, ou de reformallo, e renovallo, he como toda outra *Sciencia experimental*, que não se ensina *à priori*. (*) Nem huma limitada experiencia nos póde instruir em cousas de sciencia prática; pois que os reaes effeitos das causas moraes não são sempre immediatos. A's vezes o que na primeira instancia he prejudicial, póde ser excellente em huma operação mais remota. Até a sua excellencia póde originar-se dos máos effeitos que ao principio produzio. A's vezes acontece o contrario; pois tem-se visto planos mui plausiveis, e com principios mui brilhantes, que depois tiverão mui vergonhosos e lamentaveis exitos. Nos Estados ha muitas vezes algumas escuras, e quasi escondidas, causas, de que depende grande parte das prosperidades ou adversidades das Na-

(*) Isto he, só pelas causas originaes, e por abstractos principios de analyse metaphysica, não combinados com observações praticas do modo de viverem os homens na sociedade.

ções, que aliás consistem em cousas á primeira vista de pouco momento.

Sendo pois a sciencia do governo em si mesma huma sciencia prática, e destinada para cousas práticas, ella vem a ser materia que requer muita cautela e experiencia, e mais experiencia do que huma pessoa póde ganhar em longa vida. Homens de Estado de grande sagacidade jámais se aventurão a derribar hum Edificio Politico, que por seculos se sustentou, enchendo os ordinarios objectos da Sociedade; nem a edificar hum de novo, sem ter ante os olhos modelos e padrões de approvada utilidade.

Os direitos metaphysicos dos homens, entrando na vida commum, são como os raios de luz, que, penetrando hum meio denso, logo, pelas leis da natureza, se refrangem de sua linha recta. Na verdade, na grossa e complicada massa das paixões e interesses dos homens, os seus primitivos direitos experimentão muita variedade de refracções, e reflexões; e seria absurdo fallar delles, como se continuassem na simplicidade da sua original direcção. A natureza do homem he intrincada: os objectos da sociedade são da maior possivel complicação; e por tanto nenhuma disposição simples de poder

politico póde ser conforme á natureza do homem, ou á qualidade dos seus negocios.

Quando ouço fallar da jactanciosa ostentação de simplicidade da idéa na formatura de novas Constituições politicas, vejo logo quanto os presumidos artifices são grosseiramente ignorantes da sua arte, ou do seu dever.

Governos simples são fundamentalmente defeituosos, á não dizer peior cousa. Contemplando-se a Sociedade sómente em hum ponto de vista, os modos simples de regime encantão o espirito. Custa mais a perceber o todo de huma machina que tem partes mui complexas. Porém he melhor que o todo della tenha huma ordem que satisfaça soffrivelmonte ao seu fim, do que ter algumas partes muito exactas, quando aliás outras são desattendidas, ou substancialmente prejudicadas, só para se dar o principal cuidado á algum dos seus membros componentes.

Os pertendidos direitos dos homens dos theoristas visionarios são todos extremos; e, em proporção que são metaphysicamente verdadeiros, vem a ser moral e politicamente falsos. Os solidos direitos do homem estão em huma sorte de meio, incapaz de definição, mas não impossivel de se discernir.

Os direitos do homem no governo são *as suas vantagens*; e estas muitas vezes consistem nas balanças entre as differenças do bem; e algumas vezes nos compromissos entre o bem e o mal; e outras vezes entre mal e mal. *Razão politica* he hum *principio calculador*, que faz conta de sommar, diminuir, multiplicar, e repartir, pelos verdadeiros denominadores moraes, e não por analyses metaphysicas e mathematicas.

Os anarchistas confundem o direito do povo com o seu poder. E como o direito e poder não são as mesmas cousas, em quanto elles se não unem, deve-se dizer, que o povo não tem direito que seja incompativel com a virtude, e com a primeira das virtudes, a *prudencia*. Mas, onde o povo he dirigido por cabeças de homens mal intencionados, que até ridiculisão a humanidade e compaixão, como fructos da superstição e ignorancia, e a ternura dos individuos se interpreta por traição ao publico, nada he mais contra o direito, do que dar ao povo, a quem se inspirão taes sentimentos, o poder de turbar a ordem civil.

Por isto na chamada Assemblea Nacional nunca houve côr de imperio, nem face alguma de Senado. O seu poder foi como o do *principio*

máo dos Manichêos, só proprio a subverter e destruir, e não para edificar, e compor, excepto machinas infernaes, para inteira subversão e destroição do Estado.

Influido por innatos sentimentos da minha constituição, e não sendo illuminado pelo menor raio da nova fonte de luzes da Revolução Franceza, a exaltada dignidade das pessoas Reaes, que soffrerão por ella, (considerando particularmente o Rei da França, hum Soberano tão bom, e a sua Rainha huma Senhora de tanta belleza, e amaveis qualidades, descendente de tantos Reis e Imperadores) a tenra idade de seus Reaes Filhinhos, e os infortunios destas Augustas Pessoas, em lugar de me serem objectos de exultação, dão mortal agonia á minha sensibilidade, vendo impunidos os triumphos do crime. Ha quasi 17 annos que vi aquella Princeza em Versailles. Por sua mimosa delicadeza, mal parecia tocar este Orbe na deliciosa visão, em que me pareceo como surgindo sobre o horisonte, aformoseando e fazendo luzir a esphera sobre que principiava a mover-se, scintilando como a estrella da madrugada, cheia de vida, esplendor, e alegria. Oh que revolução! Que coração poderá contemplar sem estremecer

aquella elevação, e esta quéda! Não me podia então jámais vir ao pensamento, nem por sonho, que, ao mesmo tempo que ella accrescentava titulos de veneração aos do enthusiastico, distante, e respeitoso amor do povo, seria obrigada a trazer forte antidoto contra a desgraça occulta em suas entranhas; e que eu teria vivido para ver suas desventuras, sobrevindas á huma Belleza da parte de huma Nação de amantes, e de Nação de homens de honra, e Cavalleiros? Penso que em outro tempo dez mil espadas saltarião das bainhas, para vingar hum só olhado que a ameaçasse de insulto. Mas já se foi a idade da cavalleria (*), e succedeo em seu lugar a de sophistas, e calculadores: assim a gloria da Europa extinguio-se para sempre. Nunca mais veremos

(*) Esta passagem foi das mais motejadas pelos partidistas francezes, ainda em Inglaterra. Mas ella tem grande verdade de sentimento, e de prática. A veneração ás mulheres foi caracterizada pela pena do immortal Tacito, descrevendo os costumes dos antigos Allemães. Suppunhão estes, no tempo em que se adoravão as virtudes, e ninguem se ria dos vicios, que as mulheres tinhão em si alguma cousa de santo e divino. Fazendo ellas a doçura da vida social, e sendo o deposito da posteridade, o valor que dá aos homens o seu timbre de reverenciarem e protegerem o bello sexo, he o maior baluarte dos Estados, e com razão constitue o que Burke chama *barata defeza das Nações*.

a generosa lealdade de todas as ordens, e de todos os sexos, nem a briosa submissão ao Soberano, nem a obediencia cheia de dignidade e candida subordinação de coração, que tinha sempre viva, ainda na mesma servidão, o espirito da exaltada liberdade. Acabou-se a inestimavel graça da vida, a *barata defeza das Nações*, a mãi de varonis sentimentos, e emprezas heroicas. Extinguio-se a sensibilidade de principio, e a castidade de honra, que sente qualquer nodoa nella como huma mortal ferida, e que inspira coragem, ao mesmo tempo que mitiga a ferocidade, ennobrecendo tudo que toca, e debaixo de cuja influencia até o vicio perde ametade de seu mal, perdendo a sua grosseria.

Este systema mixto de opinião e sentimento teve origem na antiga cavalleria. Se fosse totalmente amortizado, seria mui grande perda para a civilisação. Elle foi o que deo caracter á moderna Europa, e que, debaixo das suas differentes fórmas de governo, a distinguio, com muitas vantagens, dos Estados d'Asia, e talvez dos Estados que florecerão nos mais brilhantes periodos do mundo. Elle foi o que, sem confundir as ordens do Estado, produzio huma nobre igualdade, que de mão a mão descia pelas

varias graduações da vida social. Esta opinião foi a que adoçava os Reis, até a ponto de serem nossos companheiros; e elevava os homens particulares até serem amigos dos Reis. Sem força, nem opposição, ella subjugou a altivez do orgulho e poder; ella obrigou os Soberanos a submetterem-se ao suave collar da estima civil, e compellio a sua dura authoridade á submetter-se á elegancia; e fez que a dominação, que vence as leis, fosse subjugada pelas boas maneiras.

Mas tudo agora está mudado. Todas as apraziveis illusões, que fazem o poder doce, e a obediencia liberal, que harmonisou as differentes sombras da vida, e que, incorporou na politica os sentimentos que embellezão e suavisão a sociedade particular, vão a ser dissolvidas pelo novo conquistador imperio da luz e razão. Todas essas innocentes idéas associadas, que formavão a guardaropa da nossa imaginação moral, que o coração confessa, e o entendimento ratifica, e que são necessarias a cobrir os defeitos da nossa nua e depravada natureza, e elevalla á dignidade em a nossa propria estimação, vão a ser exterminadas, como ridiculas, absurdas, e antiquadas modas.

No systema dos revolucionarios hum Rei, ainda que legitimo, não he senão hum homem, e huma Rainha senão huma mulher; e huma mulher não he mais que hum animal, e não da mais alta ordem. Toda a homenagem prestada ao bello sexo he por elles havida como romance e loucura. Regicidio, parricidio, sacrilegio; são para taes juizes meras ficções da superstição, que corrompe a jurisprudencia destroindo a sua simplicidade. O assassinato de hum Rei, ou Rainha, de hum Bispo, ou Pai, não he para tal gente senão homicidio commum; e se o povo tem nisso ganho, vem a ser hum homicidio perdoavel, e para o qual se não deve fazer severa devassa.

No plano desta barbara philosophia, que he a filha de corações enregelados, e immundos entendimentos, tão vazios de solida sabedoria, como destituidos de todo o gosto e elegancia, as leis devem ser unicamente sustentadas pelos seus proprios terrores, e pelo interesse que cada individuo póde ter nellas. Nos Tribunaes sombrios de suas Academias, no fim de cada *vistos estes autos*, ninguem vê senão a forca. Nada mais se deixa que empenhe as nossas affeições ao Estado. Nos principios dessa negra theoria, as

nossas instituições, não se pódem (por assim dizer) incorporar em pessoas, em modo que hajão de criar em nós amor, veneração, admiração, e afferro ao governo. Toda a sorte de razão que extermina as boas inclinações, não he incapaz de encher o seu lugar. As affeições publicas, combinadas com as maneiras polidas, são humas vezes supplementos, outras vezes correctivos, e sempre os auxiliares das Leis. Deve haver em cada Nação hum systema de maneiras doces, que todo o espirito bem formado he disposto a gostar. Para fazer amar o nosso paiz, he preciso fazello amavel. He impossivel existir em huma Nação polidas maneiras, onde o insulto á seus Principes naturaes, e ao veneravel corpo de seus Nobres, não he olhado com horror, e antes vem a ser objecto de exultação, e triumpho.

Os Poetas dramaticos que tem no theatro espectadores não graduados na moderna escola franceza dos *direitos do homem*, e que só estudarão a Constituição do coração humano, não farião representar a prizão e condemnação de hum bom Rei como objecto de alegria. Onde os homens seguem os naturaes impulsos, elles não pódem supportar as odiosas maximas da Politica Machiavellica, quer applicadas á tyrannia mo-

narchica, quer a tyrannia democratica. Todo o mundo rejeitaria, na antiga ou moderna scena, ainda só a hypothetica proposição de taes sentimentos na boca de hum Actor que quizesse desempenhar o caracter de hum tal despota, ou demagogo despotico. Nos espectaculos de Athenas seria execrado o que pezasse na balança os crimes da democracia, contrapezando-os aos da monarchia, declarando que a vantagem estava da parte do governo do povo. Os politicos da revolução Franceza ainda achão que a democracia está em divida, e que não póde pagar o saldo da conta. Elles exultão no infortunio de Luiz XVI., a quem chamavão *Monarcha arbitrario*, e isto (nem mais nem menos) senão porque teve a desgraça de nascer Rei da França, com as prerogativas que lhe forão transmittidas por huma linha de antepassados, e longa acceitação do povo, sem da sua parte ter feito algum acto para se apoderar da Dignidade Real. Mas o infortunio não he crime. e nem ainda a indiscrição he sempre culpa. Não merecia senão amor e culto hum Principe, cujos actos em todo o seu Reino só forão huma serie de concessões á seus vassallos; que estava prompto a moderar a sua authoridade, e diminuir algumas prero-

gativas, dando ao povo liberdades, que seus antepassados não conhecerão, nem talvez desejarão. Elle foi apenas sujeito ás fragilidades annexas aos homens, e aos Principes; e só huma vez considerou necessario recorrer á força contra os desesperados designios de conspiradores contra a sua pessoa. Foi a maior malfeitoria julgar e condemnar a hum tal Monarcha, como se fosse Néro, ou Carlos XI.

Em fim algum poder de qualquer genero sobrevirá ao terremoto em que as boas maneiras e opiniões perecerão; e tal poder achará outros, e ainda peiores, meios para seu sustento. A usurpação, que, em ordem a subverter as antigas instituições, destroio os antigos principios, reterá o seu poder pelas mesmas artes com que o adquirio. Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro espirito de lealdade, que, livrando os Reis do medo, livra os Soberanos e vassallos das precauções da tyrannia, verse-há a longa lista de cruas e sanguinarias maximas, que formão o Codigo politico de todo o poder que não se funda na propria honra, e na honra dos que devem obedecer.

Quando as antigas boas opiniões e regras da vida são destruidas, não se póde calcular

até onde irá essa perda. Desde este momento já
não temos compasso para nos governar. Sem du-
vida a Europa, considerada no todo, estava
em condição florente antes da revolução. Este
prospero estado tinha causas que o produzião,
e sustentavão. Nada ha de mais certo do que o
depender a nossa actual civilisação e boas ma-
neiras, principalmente de dous principios com-
binados, isto he, *espirito de religião*, e *espi-
rito de cavalleria*. O Corpo do Clero, por pro-
fissão, e o Corpo da Nobreza, por patriotis-
mo, sustentavão a literatura, ainda no meio
das armas e confusão. A literatura pagava com
usura o que recebia do Clero e Nobreza, alar-
gando-lhes as ideas, e illustrando-lhes os espiri-
tos. Feliz seria se huns e outros continuassem
em sua indissoluvel união, e nos seus competen-
tes lugares! Feliz seria, se a sciencia, não cor-
rompida pela ambição, continuasse a ser a Mes-
tra, sem aspirar a ser a dominadora!

Penso que a literatura moderna deve o seu adiantamento áquelles dous principios, mais do que á quaesquer outras causas. Ainda o commercio, e as artes superiores, não são talvez senão as creaturas de taes principios. Sem duvida cresceo a vasta correspondencia mercantil, e

a perfeição das manufacturas, sob a mesma sombra em que as letras florecerão. Elles hão-de cahir com a quéda daquelles seus principios protectores. Já com a sua falta estamos ameaçados de desapparecerem. Ainda que o commercio e as manufacturas faltassem em hum paiz, permanecendo todavia nelle o espirito de religião e nobreza, os naturaes sentimentos da humanidade suppririão o lugar, e nem sempre o suppririão mal. Porém, se se perderem o commercio e as artes, entretanto que se quer experimentar se pódem subsistir sem religião e nobreza (que antes forão as suas antigas bases) que sorte de cousa se poderá achar para substituto á huma nação de grosseiros, estupidos, ferozes, pobres, e sordidos barbaros, destituidos de principios de piedade, honra, timbre varonil, e, em fim, de gente que nada espera na vida futura?

Já vai apparecendo nos escritos e actos do povo e governo da França a maior grosseria de conceito, e vulgaridade de obra. A sua liberdade não he liberal: a sua sciencia he presumpçosa ignorancia: a sua humanidade he salvagem e brutal. Taes espectaculos nos dão melancholicos sentimentos sobre a incerta condição da prosperidade mortal, e tremenda inconstancia

das grandezas humanas. Assim aprendemos grandes lições.

Em successos tão espantosos como temos visto, até as nossas paixões instruem a nossa razão; pois, quando os Reis são derribados de seus thronos pelo Supremo director deste grande drama, e vem a ser objecto de insulto aos de vís sentimentos, e de piedade aos bons, olhamos para taes desastres no mundo moral, como se vissemos hum transtorno na ordem physica. Somos logo assustados para fazer reflexão; e os nossos espiritos, com o nosso orgulhoso e fraco entender, se humilhão debaixo das dispensações da mysteriosa Divina Sabedoria. Mas as lagrimas rebentão dos olhos, como aconteceria á cada espectador cheio de sensibilidade, se a scena se representasse em hum theatro. Só espiritos pervertidos poderião exultar nella.

Os Authores e espectadores da Tragedia politica devião bem pezar os crimes da nova democracia com os do que appellidavão *antigo despotismo*. Elles verião, que, logo que se tolerão modos criminosos para atalhar este mal, esses meios são sempre os preferidos, com o mais curto caminho, e que não haverá mais parcimonia na despeza de traição e sangue. Justifican-

do-se perfidia e assassinato para beneficio publico, *logo* o beneficio publico será o pretexto á perfidia e assassinato; até que a rapacidade, malicia, vingança, e o medo, ainda mais mortifero que a vingança, cheguem a fartar os insaciaveis appetites dos malvados. As consequencias serão perderse todo o senso natural do justo e recto, no esplendor dos triumphos dos falsos direitos do homem.

Tremo pela causa da verdadeira, e racionavel liberdade, á vista do exemplo da França. Tremo pela causa da humanidade, á vista dos ultrajes feitos á huma Familia Real pelos mais scelerados do genero humano. Desertores de bons principios não verão bem algum na *virtude soffredora*, nem crime algum na *usurpação prospera*. Elles só olharáõ com terror e admiração para os Soberanos que souberem soster-se nos Thronos, e reprimirem com *mão forte* a seus vassallos, para assegurarem as suas prerogativas, defendendo-se, por huma vigilancia sempre álerta do mais severo despotismo, ainda contra a menor aproximação de racionavel liberdade.

Somos inimigos generosos; somos alliados fieis. Temos cadeas, quasi tão fortes como a

Bastilha da França, para encarcerar os que não sabem fazer bom uso de sua liberdade, e divulgarem libellos contra as Pessoas Reaes, ainda estrangeiras. De cem pessoas entre nós talvez nem huma participou da alegria no triumpho da Revolução Franceza. Por huma duzia de capineiros de campo, que, com seus cestos de palhoça, fazem grande bulha na terra, ha milhares de bons lavradores, que meditão, trabalhão, e comem em descanço, deixando bisourar os importunos e volateis insectos do tempo. Já ha quatrocentos annos tivemos em nossas mãos, pela fortuna da guerra, hum Rei e Rainha de França, e seus filhos. Elles forão bem tratados. O nosso caracter nacional ainda não mudou desde esse tempo; ainda temos a boa estampa dos nossos antepassados. Não temos perdido a generosidade e dignidade do nosso pensar do seculo decimo quarto, nem, á força de subtilizarmos, nos tornamos salvagens. Não somos proselytos de *Rousseau*, nem discipulos de *Voltaire*. *Helvecio* não fez progresso entre nós. Athêos não são nossos pregadores, nem loucos os nossos Legisladores. Não temos feito descobertas na moral, (nem creio que se possão fazer) nem tambem temos achado muitas nos

grandes principios do governo, nem nas ideas da liberdade, que erão já assaz bem entendidas antes que nascessemos. Ainda não se arrancárão as naturaes entranhas da nossa Nação. Ainda sentimos, amamos, e exercemos os innatos sentimentos de humanidade, e religião, que são os fieis guardas, e activos mestres do nosso dever, e os verdadeiros apoios de toda a moralidade liberal, e varonil. Ainda não somos convertidos em estufados passaros de musêo, para enchermos a nossa pelle vazia e secca com papeladas dos falsos direitos do homem. Conservamos todos os nossos sentimentos nativos e inteiros, sem terem sido sophisticados com pedantaria e infidelidade. Temos real coração de carne e sangue, batendo em os nossos peitos. Tememos a Deos: olhamos com acatamento os Reis; com affecto ao Parlamento; com respeito aos Magistrados; com reverencia ao Clero; com veneração á Nobreza. Todos os outros sentimentos são falsos, e espurios, e tendem a corromper os nossos espiritos, viciar a sã moral primitiva, e constituir-nos improprios para a liberdade racional. Os Francezes revolucionarios só ensinão huma servil, licenciosa, desaforada, e insolente liberdade, que faz os homens perfeitamente proprios para terem bem merecida escravidão por toda vida.

Os letrados e politicos Francezes, e toda a corja dos illuminados, não fazem attenção á sabedoria dos nossos antepassados, e só tem a mais presumida confiança no seu proprio juizo. Para elles, basta ser qualquer cousa velha, para se julgarem com direito e boa razão de destruilla. Quanto as suas obras novas, elles tambem não tem cuidado em que durem. O edificio foi feito á pressa; só a mudança, e não a duração, foi o seu objecto. Elles, por systema, pensão, que são prejudiciaes todas as cousas que trazem perpetuidade, e por tanto estão em guerra eterna com todos os Estabelecimentos. Pensão que governos pódem variar como as modas de vestidos; e por tanto não adoptão principio algum de affecto duravel, que nos vincule á Constituição do Estado: só applaudem as ideas de conveniencia do momento. Elles fallão de *Contracto Social*, suppondo que ha huma absurda especie de convenção entre elles e os seus magistrados, que aliás só liga aos mesmos magistrados, mas que nada tem de reciproco no ajuste; pois que sempre a *majestade do povo* tem direito de dissolvella, sem outra razão mais que a sua vontade.

Já tivemos em tempos escuros alguns letrados e politicos deste calibre, que fizerão algum ruido nos seus dias; mas hoje repousão em perpetuo esquecimento. Não haverá talvez ninguem entre nós, dos nascidos ha quarenta annos á esta parte, que leia huma palavra das obras de Collins, Toland, Tindal, Chubb, Morgan, e mais escritores da raça dos que se intitulavão *Livres-pensadores*. Quem agora lê a *Bolinbroke*? Quem nunca o pode lêr todo? Pergunte-se aos Livreiros de Londres, que he feito dessas pertendidas luzes do mundo? A felicidade nacional consistio, em que taes Escritores não erão então animaes gregarios, que obrassem em Corpo; e por isso não tiverão influencia alguma na Constituição, e nos Estabelecimentos de Inglaterra. Se o nosso Estado tem recebido reparações e melhoras, foi sempre debaixo dos auspicios da religião, e sempre a confirmárão com as suas sancções. Todo o bem emana da simplicidade do nosso caracter nacional, e de huma sorte de nativa candura, e rectidão de entendimento, que tem caracterisado os Estadistas do Paiz. Esta disposição ainda permanece no principal Corpo do povo.

Conhecemos, e (o que ainda he melhor)

sentimos no intimo d'alma, que a *religião he o alicerce da Sociedade Civil, e a fonte de todo o bem, e de toda a consolação.* Em Inglaterra estamos convencidos, que não ha ferrugem de superstição, (com que os accumulados erros do espirito humano tem deslustrado as Nações,) que o povo não preferisse antes, do que o abandonar-se á impiedade. Não somos tão estultos que chamemos o atheismo (inimigo da substancia de todo o systema religioso) para remover algumas corrupções do nosso Symbolo, ou supprir os seus defeitos, e aperfeiçoar a sua estructura. Não queremos jámais que os nossos templos se allumiem com tão infernal fogo. Elles serão illustrados por outras luzes, e perfumados com outro incenso, mui distincto dos pestilentos fumos dos Contrabandistas da adulterada methaphysica do seculo presente. Se os nossos Estabelecimentos ecclesiasticos precisão de revisão, não he á avareza e rapacidade de gente sem religião alguma que haveriamos de encarregar o balanço da receita e despeza. Não condemnando violentamente nem o Grego, nem o Armenio: se preferimos a Religião protestante ao Systema Romano, he só porque entendemos, que nella ha mais christianismo. Somos

protestantes, não por indifferença da Religião Christã, mas por zelo de sua pureza (*).

Conhecemos, e he o nosso timbre confessar, que o homem he, pela sua constituição, hum *animal religioso*, e que o atheismo não só he contra a nossa razão, mas tambem contra os nossos instinctos. Se, em algum momento de delirio, rejeitassemos a Religião Christã, que até o presente tem sido o nosso brazão e conforto, e huma grande fonte de nossa civilisação, e de outras Nações, temos justo temor, de que o vazio se encha e substitua pela mais perniciosa, incoherente, e vil de todas as superstições.

Para preservar a Religião Christã, com a augusta fabrica do Estado, temos feito os Estabelecimentos da Igreja, como hum Sabio Architecto, e providente Proprietario, faria a respeito de seu Edificio e Patrimonio. Em ordem a livrar aquella nossa *Grande Propriedade* de profanação e ruina, desejando purificalla, como hum templo, de todas as immundicias da fraude, injustiça, violencia, e tyrannia, te-

(*) Os Leitores cordatos bem hão de ver, que *Burke* não reprova a Religião catholica, mas só falla politicamente da opinião do seu paiz sobre a pertendida *reforma*.

mos solemnemente consagrado a Communidade, com todas as pessoas que officião nella. Todos que entrão no ministerio do Governo, estão como em lugar de Deos, e devem ter altas e dignas idéas de seu emprego e destino: a sua esperança deve ser cheia de immortalidade, para, com os seus bons exemplos de virtude, deixarem huma rica e perpetua herança ao mundo.

Taes principios sublimes se devem infundir nas pessoas de exaltadas situações; e se devem fazer Estabelecimentos religiosos, para que toda a sorte de instituições civis ajudem os naturaes e racionaes vinculos, que ligão o entendimento e affecto humano ás cousas divinas. Quanto hum homem he posto na ordem politica mais alto de outros homens, tanto deve fazer mais esforço de se aproximar á perfeição de seu Creador; estando certo, que *o seu poder* he *mero deposito*, de que devem dar conta ao grande Senhor, Author, Fundador, e Regedor da Sociedade.

Hum dos primeiros e mais transcendentes principios, sobre que se tem consagrado o Estado, e as Leis, he, que os depositarios do poder politico se lembrem sempre do que receberão de seus antepassados, e do que devem á

posteridade; e que não pensem jámais que tem direito de arruinar huma vasta herança, destroindo á seu arbitrio, o original Edificio da Nação, e Sociedade, arriscando a deixar aos que vierem depois sómente ruina, em lugar de habitação; e ensinando tambem a seus successores a não respeitarem os novos regulamentos, bem como elles não respeitaráõ as instituições de seus maiores. Pela facilidade de mudanças no Estado, como nas fluctuações das modas, rompe-se logo a Continuidade do Bem Publico. Assim nenhuma geração se vincula á outra, e os homens vem a ser de pouco melhor condição que os insectos do verão.

A Sciencia da jurisprudencia, que he o timbre do entendimento humano; que, com todos os seus defeitos, redundancias, e erros, vem a ser a colligida razão dos seculos; que combina os principios da justiça original com a infinita variedade dos negocios sociaes; não será daqui em diante estudada, sendo (como dizem os letrados e politicos Francezes) hum montão de erros já abandonados. A presumpção, e arrogancia (que são os satellites inseparaveis dos que não experimentárão maior sabedoria que a sua propria) usurpará o tribunal do Direito;

e consequentemente não haverão *leis constantes*, que estabeleção os invariaveis fundamentos de medo e esperança, e dirijão as acções dos homens á hum certo curso, e fim estavel.

Ninguem com hum systema de Direito variavel poderia especular com segurança sobre a educação de seus filhos, e futuro estabelecimento no mundo. Nenhuns principios de conducta se formaráõ em habitos. Como se poderá segurar hum tenro e delicado sentimento de honra, que sempre se excite aos correspondentes impulsos do coração, variando continuamente o padrão do seu cunho? Nenhuma parte da vida reterá as suas adquisições. Barbarismo a respeito da sciencia e literatura, imperícia a respeito das artes e manufacturas, infallivelmente se hão de seguir da falta de huma educação firme, e de bons *principios estabelecidos*; e assim a Sociedade Civil em poucas gerações se dissolverá em solto pó de individuos sem communs laços sociaes, que a final se dissipará por todos os ventos do Ceo.

Para evitar pois os males da inconstancia e versatilidade (dez mil vezes peior que os da obstinação de cegos prejuizos) temos consagrado o Estado, para que nenhuma pessoa se lhe

avizinhe a olhar as suas chagas e corrupções, senão com a devida circunspecção; e que não sonhe jámais de principiar a sua reforma pela subversão dos pilares do Edificio; que não se achegue a observar os defeitos do Soberano senão como as feridas de hum pai, com piedoso pavor, e solicitude filial. Com este sabio prejuizo, temos recebido a doutrina de olhar com horror para os filhos, que estivessem promptos temerariamente a esquartejarem seus pais, na esperança de que, por antidotos vegetaes, e presumidas magicas dos salvagens, poderião regenerar a constituição, e remover a vida daquelles a quem devem á existencia.

A Sociedade Civil he na verdade hum contracto. Os contractos ordinarios sobre objectos de trivial interesse, se pódem dissolver á vontade dos contrahentes. Mas não se deve considerar a hum Estado como huma sociedade de Navio para commercio de pimenta, caffé, tabaco, ou outras drogas e fazendas, para temporario interesse, e que se possa distractar conforme a phantasia das partes. Elle deve ser olhado com outra reverencia; pois não he companhia em cousas que sirvão unicamente á grosseira existencia animal, de transitoria e mortal natureza.

Elle he huma Companhia em toda a sciencia; companhia em toda arte; companhia em toda a virtude, e em toda a perfeição. Como os fins de tal Companhia só se pódem alcançar em muitas gerações, vem a ser huma companhia não só entre os actuaes contemporaneos, mas tambem entre os vivos, mortos, e vindouros. Cada contracto de cada particular Estado não he senão huma clausula no grande primitivo contracto da sociedade eterna, que liga as naturezas inferiores com as superiores, unindo o mundo visivel com o invisivel, conforme ao pacto fixo, e sanccionado pelo inviolavel juramento do Eterno, que sustenta todas as naturezas physicas e moraes, cada huma no seu assignalado lugar. Esta lei não he sujeita ao arbitrio dos que devem submetter á ella a sua vontade por huma obrigação que está acima delles, e que lhes he infinitamente superior.

As Corporações municipaes deste reino universal de Deos não tem moralmente a liberdade de fazerem phantasticas especulações de hum melhoramento contingente, de que aliás possa resultar o separarem-se e romperem-se os vinculos de sua communidade subordinada, e dissolvellos em antisocial, incivil, e desconnexo cá-

hos dos principios elementares. Só a primeira e suprema necessidade; necessidade que não he objecto de escolha, mas que faz tomar á força hum partido extremo; necessidade que não dá lugar á deliberação; he que póde, alguma vez rarissima, justificar o recorrer-se á grandes mudanças no governo. Esta necessidade não he a excepção da regra, pois que esta mesma necessidade faz tambem parte da disposição physica e moral das cousas, á que o homem deve consentir por força. Porém, se o que só he submissão á necessidade, se fizer objecto de escolha, então logo a Lei do Creador he quebrada, a natureza he desobedecida, e os rebeldes são proscriptos e degradados do mundo da razão, ordem, paz, e virtude, e fructifera penitencia, para o antagonista mundo de loucura, discordia, vicio, confusão, e inutil arrependimento.

Estes são os sentimentos de toda a gente da maior instrucção e reflexão na Gram-Bretapha. Os das classes inferiores, a quem a Providencia tem decretado que vivão da authoridade dos entendimentos superiores, não se envergonhão de iguaes sentimentos, pela sua confiança nos mais sabios do paiz. Estas duas ordens de pessoas se movem na mesma direcção, ainda que em suas

differentes orbitas; mas ambas se movem na ordem do Universo. Elles todos conhecem, ou sentem, a grande antiga verdade, que ao Soberano e Omnipotente Deos, que rege este mundo, nada he mais acceito na terra, do que as associações de homens que se chamão *Estados*, vivendo conforme ao que he direito. Elles recebem esta these não menos da cabeça, que do coração; e esta prudente opinião não recebe a sua sancção do nome e authoridade de ninguem, mas se deriva da natureza commum, e das communs relações da Humanidade. Persuadidos que todas as cousas se devem fazer com reverencia e resignação ao Ente Supremo, a quem todas as cousas se dirigem, elles justamente pensão, que são obrigados, não só como individuos no sanctuario de seus peitos, mas como partes integrantes da Grande Congregação Social, renovarem a memoria de sua alta origem, e casta, e no caracter e corpo de Confraria, executarem a homenagem nacional ao Instituidor, Author, e Protector da Sociedade Civil; sem o que nehum Estado poderia chegar á perfeição de que a sua natureza he capaz, e nem ainda remota e fracamente avizinhar-se á ella. Elles estão convencidos, que quem nos deo huma natureza ca-

partilha de sciencias e artes que as outras Nações da Europa.

A nossa providente Constituição tem tido cuidado, de que os Ecclesiasticos (á quem, desde a infancia até a adolescencia, he confiada a liberal educação, e que são destinados por seu alto officio a instruir a presumpçosa ignorancia, e serem os censores do vicio insolente) não incorrão no desprezo do povo, nem vivão de esmolas dos ricos, que serião tentados a desprezar a medicina de seus espiritos. Por essas razões, ao mesmo tempo que o Estado por Lei próve á mantença dos pobres com solicitude paternal, não abandona a religião, e a subsistencia decente dos que vivem do seu ministerio, á escuras contribuições, e fallivel caridade das Cameras das Villas. Não: elle exalta as mitradas cabeças dos seus Prelados nas suas Côrtes e Parlamentos. Elle ordenou (e o povo vê com gosto) que hum Arcebispo preceda a hum Duque; e olha sem pena, e antes com toda a confiança, que os Bispos de *Durham* e *Winchester* tenhão dez mil libras esterlinas de renda annual, na certeza de que servirá para sustento dos filhos pobres do povo. He verdade que todas as rendas da Igreja não são sempre empregadas em cari-

dade até a ultima moeda; mas o publico está certo, que, no geral, esse he o seu uso. He melhor, para fomentar virtude e humanidade, deixar nessa parte muito ao livre arbitrio do esmoler, ainda com alguma perda do objecto, do que tentar fazer os homens meras machinas, e instrumentos de benevolencia politica. O mundo, quanto ao todo, ganha na liberdade das boas obras; pois, sem livre arbitrio, nenhuma virtude póde existir.

São despreziveis, pela fraqueza da razão, e só dotados de mortifera força, os argumentos da tyrannia, que na França confiscou os bens da Igreja, e os do Soberano, e deo miseravel estipendio ao Clero, com dependencia absoluta do Governo usurpador. Os sophisticos tyrannos de Pariz, depois de tantos ultrages á todos os direitos da propriedade, palliárão o seu systema de rapina com o mais estranho de todos os pretextos, a *Fé Nacional*.

Os inimigos da propriedade no principio affectárão a mais tenra, delicada, e escrupulosa anciedade de sustentar os empenhos que o Rei havia contrahido com os Credores do Governo. Estes professores dos Direitos do homem só são azafamados em ensinar taes direitos aos outros,

e não tem descanço para elles mesmos aprenderem em que taes genuinos direitos consistão. Se assim não fosse, terião conhecido, que a original fé da sociedade está empenhada, primeiro que tudo, á propriedade do cidadão, e não ao credor do Estado. A demanda do cidadão he primeira em tempo, fundamental em titulo, e superior em equidade. As fortunas dos individuos, quer possuidas pelos ganhos de sua industria, quer por herança, ou em virtude de participação nos bens de alguma corporação religiosa de *mão morta*, não fazem parte da segurança do credor publico, expressa ou implicita. Tal segurança jámais entrou nas cabeças dos contrahentes, quando fizerão o contracto com o Estado. Os que emprestão dinheiro ao Soberano, bem sabem, que o publico, representado pelo Monarcha ou Senado, não póde tambem empenhar senão os bens publicos; e não he licito considerar bens desta natureza senão os de que se faz a collecta, por justos e proporcionados impostos, sobre a massa geral dos cidadãos. Por tanto só a renda dos impostos he que se póde empenhar ao credor publico. Nenhuma pessoa póde hypothecar a sua injustiça como penhor de sua fidelidade. Se algumas pessoas deverião

soffrer na revolução, serião só os proprios credores publicos, visto que forão os unicos que contractárão com o Estado, e não os Ecclesiasticos. He absurdo achar razão para se confiscarem os bens destes, por não sei que nova e cerebrina equidade, quando aliás não havião sido hypothecados no tempo dos empenhos contrahidos.

Esta laxidão de fé publica, he a que se propoz na França como boa regra de *philosophia, luz, liberdade, direitos do homem.*

A Divida Publica, e a falta na Renda Publica, forão só pretextos para a Revolução, e não causa que a podesse justificar; pois o seu Ministro de Finanças *Necker*, na Conta Geral que apresentou em Maio de 1787, fez ver, que a França tinha huma Renda de Erario fixa de mais de 475 milhões de libras tornezas; e que todos os encargos do Estado (incluindo o interesse de hum novo emprestimo de quatrocentos milhões,) não excedião de 531 milhões; vindo por tanto, na balança da Receita e Despeza, a ser o *deficit* unicamente de *dous milhões esterlinos*. Elle indicou certos artigos de economia e melhora na Renda presente, que, sem mais algum novo imposto, poderião fazer des-

apparecer tal *deficit*, que (segundo diz com ironia) *tinha feito tão grande estrondo na Europa.*

Quando todo o trem de fraudes, imposturas, rapinas, incendios, assassinios, confiscos, moeda-papel forçada, emprestimos forçados, e todas as mais especies de tyrannias e cruezas, que se empregárão para sustentar a revolução, produzio o seu natural effeito, o mal irreparavel que dahi resultou, causou horror, não só a todos os espiritos virtuosos, mas tambem a todos que tinhão ainda algum resto de sentimento moral. Então os authores e fautores de tão salvagem systema se esganárão em declamações contra o velho governo monarchico da França, e contra toda a casta de Monarchia. Depois de fazerem odioso com as mais negras côres o poder deposto, forão igualmente clamorosos contra os que não pensavão tão negramente como elles; como se os que desapprovão os seus *novos abusos*, fossem partidistas dos *abusos velhos*; e como se os que execravão os seus crus e violentos planos de liberdade, devessem ser tratados como os advogados da escravidão.

Não pódem os partidistas francezes capacitar-se, de que haja hum justo meio, e terceiro

objecto de escolha, entre as desordens antigas, e as horribilidades revolucionarias, de que não ha exemplo nos monumentos da historia, e que nem ainda forão excogitados pela imaginação dos poetas. As suas arengas, nem merecem o nome de sophismas, mas sim de desaforos. Não ouvirão esses Senhores, que, em todo o circulo dos mundos de theoria e prática, havia alguma cousa de differença entre o despotismo de hum Monarcha e o despotismo da gentalha? Nunca ouvirão fallar de huma monarchia dirigida por Leis, moderada, e balanceada por grande riqueza hereditaria, e grande nobreza hereditaria da Nação, e sendo tambem estas ordens do Estado reguladas por judiciosa restricção da razão, e do senso do povo, obrando sempre por devido e permanente orgão do poder politico? Deve-se qualificar de má intenção, e de miseravel absurdo, o preferir-se hum governo temperado, igualmente longe de dous extremos de tyrannia, e anarchia; e não póde pessoa alguma hesitar sobre os meritos da democracia, sem cahir em suspeita de ser amigo do despotismo, e inimigo do Genero humano?

Aristoteles, o grande Mestre de Politica, observa, que *democracia* e *tyrannia* são mui

semelhantes: o demagogo que adula o povo, he do mesmo pessimo caracter que o cortezão que lisongea o Despota: hum e outro vem a ser os validos do poder arbitrario, para o atiçar ás maiores enormidades. O certo he que, se ha differença entre aquellas duas especies de despotismos, he para peior da parte do *governo popular*. Porque, na democracia, a parte maior dos cidadãos he capaz de exercer as mais crueis oppressões sobre a parte menor, e mais sabia. Em tal governo, quando os partidos adquirem força, a oppressão se póde extender á muito maior numero de pessoas, e com muito maior furia, do que se póde temer do dominio absoluto de hum só despota. Nas perseguições plebeias, os individuos que soffrem, se reduzem á condição mais lamentavel, do que no estado de hum unico tyranno. No governo de hum Principe cruel, ao menos o que padece innocentemente, tem por si a compaixão do genero humano, a qual vem a ser hum balsamo que conforta e mitiga a dor das feridas, e os applausos do povo animão a sua generosa constancia em seus padecimentos: mas os que estão sujeitos ás vilanias do governo da canalha, são privados de todas as consolações, e perecem abandonados pe-

lo genero humano, e esmagados pela conspiração de toda a sua especie.

He facil, e lugar commum dos ambiciosos e descontentes, fazer longo catalogo dos erros, e defeitos dos Soberanos, e das grandezas decahidas. Pela revolução franceza, os que antes erão vis lisongeiros dos grandes, se convertêrão em austeros criticos das suas irregularidades. Mas os espiritos firmes e independentes, que tem em seu entendimento hum objecto tão serio de meditação ao genero humano, como he o *governo*, desdenhão o tomar a farça de satyricos, e diffamadores. Elles julgão as instituições humanas, e os Administradores publicos, com a indulgencia que costumão prestar aos individuos. Elles reconhecem, que, nas cousas mortaes, sempre ha huma sorte de mistura de bem e mal.

Havião abusos na Monarchia da França, accumulados pelo curso dos seculos. Não sou por natureza inclinado a fazer o panegyrico de cousa alguma, que seja natural e justo objecto de censura. Mas a questão não he dos vicios da Monarchia, mas de sua existencia. Era por ventura a Monarchia da França incapaz de reforma? Estava-se em a necessidade de

abater toda a fabrica della, e alimpar a área para a creação de hum Edificio theoretico em seu lugar?

A ouvir fallar algumas pessoas, imaginar-se-hia que a Monarchia da França estava nas mesmas circunstancias que a da Persia debaixo da espada do sanguinario e feroz *Tahmas Kouli-Kam*; ou era igual ao barbaro e anarchico despotismo da Turquia, em que os mais bellos, e mais vividouros paizes do mundo são devastados pela paz, ainda peior que outros o são pela guerra; onde as artes são desconhecidas, onde a sciencia he extincta; onde a agricultura he decadente; onde a raça humana definha e amortece aos olhos do observador. Era por ventura esse o caso da França? A sua Monarchia, temperada pelas varias ordens de Estado, era em si mesma hum bem, que muito emendava o mal que nella havia. Outros correctivos provinhão da religião, e das maneiras do paiz, que, supposto o não constituissem de boa constituição, todavia fazião que ahi o despotismo fosse mais na apparencia, do que na realidade.

Hum dos criterios mais seguros para se julgar da bondade do governo de huma Nação, he a sua *população*. Pelos bons effeitos, se con-

clue solidamente sobre a bondade das causas. Nenhum paiz, em que a sua população florece, e está em progressivo adiantamento, se póde dizer que está sob muito máo governo. No fim do seculo decimo septimo se computava ter a França 18 milhões de habitantes. No meado do seculo decimo oitavo se dizia ter subido a sua população a 22 milhões: e o Financeiro *Necker* (boa authoridade na statistica do paiz) poucos annos antes da revolução, dava á França quasi 25 milhões de habitantes. Todavia a França não he em toda a parte hum paiz fertil, e tem além disto muitas naturaes desavantagens. O meio termo da sua população he quasi de novecentos homens por legoa quadrada. Não attribuo a grande popnlação Franceza aos cuidados do seu antigo governo; pois não gosto de attribuir ás ordenanças dos homens o que, no maior gráo, se deve á bondade da Divina Providencia. Porém, se o antigo desacreditado governo da França obstruisse, e não favorecesse, as causas naturaes que promovem a propagação da especie, e que se derivão da natureza do terreno, e habitos de industria dos habitantes, era impossivel vêrem-se no paiz os prodigios de população que se observa em muitos lugares. Não

se póde suppor que fosse totalmente má a fabrica de hum Estado, e de suas instituições politicas, que, pela experiencia, se acha conter em si hum principio favoravel ao augmento do genero humano.

A *riqueza do paiz* he outro criterio para se julgar, se, no geral, o governo he protector, ou destructivo. Sem duvida a riqueza da França não tinha tão igual distribuição, nem tão facil circulação, como a Inglaterra. A differente fórma dos governos fazia que este paiz tivesse essencial vantagem sobre áquelle. Mas o citado *Necker*, muito habil financeiro, em 1784 affirmou, que na França circulava *numerario*, isto he, *dinheiro*, ou *moeda metallica*, que montava a *oitenta e oito milhões de libras esterlinas*. Causas externas e internas deverião haver para attracção de tão prodigiosa somma pecuniaria. Eu vi com os proprios olhos a magnificencia de suas cidades, e de seus canaes artificiaes, para navegação interior, e conveniencia das communicações maritimas; as estupendas obras dos seus portos, e todos os apparatos de sua Marinha para commercio e guerra; as suas fortificações de atrevida grandeza, e magistral pericia, que apresentavão huma frente ar-

mada, e barreira impenetravel á seus inimigos: Vi as suas florentes culturas, e manufacturas, que só erão inferiores ás nossas: Vi em fim a multidão de seus Sabios, Estadistas, e Escritores sagrados, e profanos. Tudo annunciava huma Administração que fomentava opulencia, artes, commercio, e literatura. Não se póde condemnar temerariamente, no todo, hum governo, que he capaz de manter tão bellas cousas, ainda que tivesse alguns occultos defeitos, que todavia não o constituião incapaz de reforma, que exaltasse as suas excellencias, e corrigisse as suas faltas. Os Revolucionarios, em lugar de tudo isto, só assoalharão violencia, ruina, e miseria aos olhos do observador; e para encubrirem ao povo a immensa desgraça que lhe sobreveio com a revolução, e taparem a boca aos gritos da sua actual indigencia, acclamarão a França *Grande Nação*, que com os seus trapos affecta soberano desprezo do resto do mundo.

Os gritos contra a nobreza são meras obras da cabala. O ser honrado, e ainda privilegiado, pelas leis, opiniões, e antigos usos do nosso paiz, (o que já vem do prejuizo de todas as idades) nada tem que provoque horror e indignação em qualquer pessoa. O ser alguem pertinaz

em manter os seus privilegios, não he absolutamente hum crime. O esforço de cada individuo em preservar a posse do que entende ser a sua propriedade, e merecida distincção, he huma das seguranças contra a injustiça e o despotismo; e tal expediente vê-se em todo o paiz, e está plantado em a nossa natureza. Isto opéra como hum instincto, que fixa as propriedades, e perpetúa as Nações em hum estado firme.

A Nobreza he o ornamento e graça da Ordem Civil. Cicero, que foi Consul de Roma pela sua eloquencia e virtude, sendo aliás da classe plebéa, dizia, que *todos os bons favorecião á Nobreza.* (*) Ella he o capitél Corinthio da Sociedade polida. He na verdade hum sinal de espirito liberal e benevolo o inclinar-se qualquer pessoa civil á alguma sorte de parcialidade á fidalguia. Não sente em seu coração nobres estimulos, o que deseja nivellar todas as instituições artificiaes, que tem sido adoptadas para dar corpo á opinião, e permanencia á estima fugitiva. He de malina, acre, e invejosa disposição, sem gosto pela realidade da virtude, ou nem ao menos pela sua imagem, e represen-

tação, o que sente alegria na queda do que floreceo por longos tempos com honra e esplendor. Não desejo ver destroida a nobreza: isso produziria hum vazio moral na Sociedade, e dahi viria ruina á face da terra. Merece em alguma parte refórma quanto aos abusos, mas não abolição.

A respeito do Clero da França, eu suspeito que o mal que se disse contra elle fôra fingido, ou exaggerado; pois os que fizerão a accusação e condemnação, tinhão em vista aproveitarem-se do confisco dos seus bens. O inimigo sempre foi má testemunha, e o ladrão ainda he peior. Vicios e abusos havião de haver nesta ordem do Estado, bem como em outras ordens. Isto era inevitavel em Estabelecimentos velhos, e não re-vistos frequentemente. Mas não vejo que se pro-vassem contra o Clero crimes que merecessem o es-polio de toda a sua substancia; e menos ainda se mostrou, que os crueis insultos, e deshumanas per-seguições, á todo o Corpo, erão bons substitutos em lugar de regulamentos que o melhorassem.

Os atheisticos diffamadores do Clero, que obrárão com os trombeteiros para animarem a canalha a roubarem os ecclesiasticos, (seculares, e regulares) em nenhuma cousa insistírão com maior complacencia, do que na devassa que

tirarão dos vicios da gente consagrada ao Culto Divino. Com a mais vil industria revolverão e esquadrinharão toda a historia das antigas idades, para assoalharem os factos de oppressão e perseguição, que fizerão os que abusárão da religião, e de seus preceitos, para favorecerem ao seu Corpo; a fim de com isso justificarem as actuaes perseguições e crueldades, praticadas na revolução contra os clerigos e frades, usando de iniquos e antiphilosophicos principios da *Lei da talião*. Depois de destroirem todas as outras geneologias e distincções de familia, inventárão huma sorte de linhagem de crimes. Mas nunca foi justo castigar os homens pelos delictos de seus antepassados; e muito menos quando os descendentes não são de linha natural, e que só tem o nome commum da Corporação que praticou a offensa. Este refinamento de injustiça só pertence á *barbara philosophia* deste que se disse *seculo illustrado*.

Os *Corpos de mão morta*, e, em geral, as *Associações incorporadas*, são immortaes para o bem dos seus membros, mas não para o castigo de todos. As Nações são Corporações desta natureza. Se o principio revolucionario fosse boa regra, Inglaterra poderia fazer guerra implaca-

vel, e de exterminio, contra a França, e França contra Inglaterra, com o pretexto das innumeraveis e mutuas hostilidades dos dous paizes, em varios periodos da historia.

A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destroir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrucção, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se se preverte o seu ensino, ella só serve de almazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja e o Estado supprirem com os máos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver, as nossas dissensões e animosidades, accrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

A historia, na maior parte, consiste na collecção das miserias que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lascivia, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vicios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, direitos do homem, são meros pretextos dellas: e sempre forão pretextos com apparen-

cia de bem real. Os grandes actores e instrumentos nos grandes males publicos são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, Capitães. Porém não se cura o mal tomando-se a resolução politica de que não hajão Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permanecerão sempre as mesmas, e unicamente em figura diversa.

Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos, dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos vicios, e não aos nomes; ás causas que os occasionão, e não aos modos transitorios em que elles apparecem. Do contrario, os pertendidos reformadores só se mostrão intelligentes em theoria, e fatuos na pratica. A malicia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo, e toma novo corpo: mas o seu máo espirito transmigra; e, longe de perder, pela mudança da apparencia, o seu malefico principio de vida; antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor, e actividade juvenil.

Aterramo-nos com forjadas apparições de máos espiritos, e não advertimos, que a nossa

casa está assaltada de verdadeiros ladrões. Attendendo só a casca da historia, pensa-se fazer guerra com a intolerancia, soberba, e crueldade; entretanto que, com o pretexto de aborrecerem os maos principios dos violentos partidos (que aliás já não existião) das antigas perseguições por causa de religião, se authorizão e alimentão os mesmos odiosos vicios, e talvez peiores, nas differentes actuaes facções perseguidoras.

Os cidadãos de Paris se prestárão em outro tempo como instrumentos á matança dos sectarios de Calvino, e á infame carniçaria do celebre dia de S. Bartholomeu. Póde-se por isso justificar os mesmos Parisienses, porque agora, em despique, retaliassem as abominações e horrores desses tempos, levando a extravagancia até o ponto de, em pantomima tragica, fazer vir á scena o Cardeal de Lorena em vestimentas sagradas, dando ordem para geral assassinato? Avivando-se com tal espectaculo a salvagem disposição dos Parisienses, podia-se fazellos execrar a perseguição religiosa, ou desgostallos da effusão de sangue? Antes isso servio de mais estimular-lhes o seu appetite Cannibal, que tão brutamente cevárão, até beberem o sangue das victimas de seus furores. Porque o antigo Cardeal

de Lorena foi hum rebelde, e assassino, póde-se agora lêr sem horror a perseguição feita á tantos Arcebispos, e Bispos da França, assassinados, ou fugitivos, que só erão conhecidos pelo povo pelas suas orações, bençãos, esmolas, e nobre uso das riquezas, e que procurárão asylo em Inglaterra, e entre os quaes não seria difficil achar hum Fenelon?

Os que lerem a historia com elevados sentimentos da razão, pondo os seculos diante dos olhos, e trazendo as cousas ao verdadeiro ponto da comparação, para ver-se o espirito e a qualidade moral das acções humanas, só pódem dizer aos presumidos *Mestres* do *Palais Royal* — o Cardeal de Lorena foi hum assassino do seculo decimo sexto; e vós tendes a gloria de serdes iguaes assassinos no seculo decimo oitavo.—Esta he a unica differença que ha entre ambos.

Mas a historia no seculo decimo nono deve ser melhor entendida, e melhor empregada. Confio que ella ensinara á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos futuros ecclesiasticos e magistrados não se despicarem, por vingança, contra os especulativos quietos athêos dos futuros tempos, das enormidades commettidas pelos athêos

praticos, e furiosos enthusiastas dos nossos dias. Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a *religião*, e *philosophia*, pelo abuso que hypocritas tenhão feito destes dous preciosos donativos, que nos são conferidos pelo Pai Universal.

Talvez alguns Ecclesiasticos, pelos seus partidos, e alguns excessos, se tinhão mostrado viciosos além dos limites em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concédo tudo isto: mas sou homem, e tenho a tratar com homens; e, reprovando a falta da racionavel tolerancia de opiniões religiosas, não desejo correr ao extremo da maior de todos as intolerancias. Supporto as fragilidades, em quanto não degenerão em crimes. Sem duvida o natural progresso das paixões, pela inclinação dos homens aos vicios, deve ser prevenida por olhos vigilantes, e mãos firmes. Os revolucionarios pintão o Clero da França como se fossem monstros. Mas ha nisso verdade? He crivel que o lapso de tempo, a cessação dos interesses rivaes, a lastimosa experiencia dos males que resultárão da raiva dos partidos, não hajão tido influencia alguma em melhorar os seus espiritos? Tem os Ecclesiasticos opprimido os Seculares com mão

de algozes, e em todos os lugares accendião as ardentes fachas de salvagem perseguição? Erão por ventura inflammados, como antigamente, com violentas dissensões e contendas, por fogoso espirito de controversia? Levados de ambição de soberania intellectual, procuravão pôr fogo ás Igrejas heterodoxas, e assassinar as pessoas de diverso Credo, para sobre as ruinas das outras seitas, e dos governos subvertidos, firmarem o imperio de sua doutrina, forçando as consciencias dos homens pela sua pessoal authoridade, reclamando ao principio liberdade para si em opiniões religiosas, e rematando em abuso de poder? Certamente não.

Tanto na França, como nos outros paizes civilisados, era visivel grande abatimento desses vicios e excessos, que fazião odioso o caracter dos tempos passados. Antes, considerando-se as cousas na equidade commum, o clero era digno de louvor, respeito, e patrocinio; por ter abandonado o espirito violento, que deshonrou em outras idades a alguns dos seus predecessores, que perseguião os povos, em lugar de mostrarem a moderação de animo e a doçura de maneiras, que erão proprias de suas funções sagradas.

Os revolucionarios preferirão o atheismo á

qualquar fórma de religião; e o *atheismo triumphante os destruio*. Ainda os fanaticos de qualquer seita não se esquecem de todo, que justiça e misericordia fazem partes substanciaes da religião. Os impios, para fazerem proselytos, jámais se recommendaráõ pelas iniquidades e cruezas que praticarão no fim do seculo decimo oitavo com os seus semelhantes, affectando chamallos livres e iguaes, para os tratar como escravos e brutos.

He cousa espantosa vêr aos novos *Mestres da razão* continuamente jactando-se de seu espirito de tolerancia. Não ha nisso materia de merecimento para as pessoas que tolerão todas as opiniões religiosas, em razão de pensarem que nenhuma he digna de estimação. Hum desprezo igual de todas as opiniões e seitas não vem a ser huma candura imparcial. A especie de benevolencia, que nasce do desprezo, não he verdadeira caridade. Em Inglaterra ha muita gente que tolera as differentes seitas e fórmas religiosas, no *verdadeiro espirito da tolerancia*. Elles pensão, que todos os dogmas da religião são de momento, ainda que em differentes gráos; e que entre elles ha alguns (como em todas as cousas de valor) que tem justo fundamento de preferencia.

Os Inglezes pois favorecem a estes, e tolerão a *todos*. Elles os tolerão, não por desprezarem as opiniões differentes, mas por terem o devido respeito á justiça. Elles com reverencia e affeição protegem todas as religiões, porque venerão e amão o *Grande Principio* em que todas concordão, e o *Grande Objecto* á que todas se dirigem. Elles, na maior parte, cada vez melhor e mais claramente discernem, que nós todos temos huma *Causa Commum*. Por isso não são arrebatados por espirito de facção. Para elles, o sacrilegio não faz parte da *doutrina das boas obras*; e detestão a pratica de proscrever homens innocentes, e não restituir os bens roubados aos Ecclesiasticos.

Os novos Legisladores da França, (que se prevalecerão de circunstancias para se apoderarem do poder do Estado) reprovárão a doutrina de *prescripção*, que aliás he huma das melhores de seus antigos Jurisconsultos. *Domat* disse a grande verdade, que *tal doutrina faz parte da Lei da natureza*. Elle nos ensina, que a positiva demarcação de seus limites, e a segurança de não se fazer invasão contra tal direito, he huma das causas para que se instituio a sociedade civil. Se a *Lei da prescripção* (*) for huma vez abalada, não fica

segura especie alguma de propriedade, quando vem a ser assaz grande, que tente a cubiça do povo indigente. Vemos na França a pratica perfeitamente corresponder ao desprezo desta grande fundamental parte da Lei Natural. Vimos os seus Confiscadores principiarem por sequestrar a Propriedade dos Bispos, Cabidos, Mosteiros, Principes de sangue, Nobres; e desde então não houve mais fim á confiscos de toda a sorte de Proprietarios. Infatuados com a insolencia das proscripções, e infames victorias, sempre apertados de miserias, causadas pelo seu lascivio e execravel appetite de ganho, a final se aventurarão á subverter toda a propriedade de todas as descripções, e classes de gente por todo o Reino; e forçárão a todos os homens, em todas as transacções do commercio, e tratos da vida civil, a aceitar em pagamento papel sem credito de hum governo fallido e fatuo, emittindo seus infinitos *Assignados*, que erão meros hieroglifhicos ridiculos, e nullos de suas especulações de rapinas.

(*) Esta Lei he a que dá estabilidade aos dominios das Propriedades possuidas trinta annos pacificamente, por titulo legitimo.

Que vestigio restou de liberdade e propriedade em tão grande Paiz? Sem cerimonia, ou menor escrupulo, os levantados Legisladores violárão os Direitos da Propriedade, da Prescripção, da Moeda, da Fé Publica, e estabelecêrão o mais inaudito despotismo. Assim o Corpo Legislativo da Nação, que dizia querer ser livre, assentou-se, não para segurança, mas para destriução, da Propriedade Nacional, e não só da propriedade, mas tambem de toda regra e maxima que lhe póde dar estabilidade, e de todos os solidos instrumentos que lhe pódem dar circulação. Os seus projectos forão ainda avante, até o ponto de quererem, com o mais violento fanatismo, fazer proselytos de taes horribilidades em todos os paizes, que recebião, por cabalas insidiosas, os sinaes de confraternidade, e as senhas de revolução, consagradas entre seus nefandos ritos e mysterios, com ligas federativas de perpetua amizade.

Os presumidos Politicos e Economistas da França nem, ao menos, advertirão, que, confiscando-se tão immensa propriedade, e vindo ella de subito para cruel Hasta Publica, a sua violenta e repentina entrada no mercado faria logo abater immenso de seu real valor, resultan-

do dahi permanecer sempre o Estado sem os recursos que se havião especulado, e venderem-se os mais inestimaveis bens por vil preço, e á vís pessoas, que as adquirião com lesão enormissima dos donos legitimos, tirando-se dos melhores e immemoriaes possuidores? Que equidade (disse o Consul de Roma) se póde considerar em se tirarem as terras aos senhorios de muitos annos, e ainda de seculos, para se traspassarem á injustos compradores? Valem por ventura estes mais que os outros? Melhorou a Nação? Cessárão as discordias civis? Ao contrario, as desordens se propagárão até extensão incalculavel.

A segurança das Dividas Publicas foi hum dos pretextos e estimulos para taes desordens. As Nações estão a submergir-se cada vez mais no fundo do Oceano de sua Divida Publica sem limites. As Dividas Publicas, que ao principio erão seguranças para o Governo, fazendo, por meio dellas, interessar a muita gente na tranquillidade publica, vão, pelo excesso, a ser os meios de sua subversão. Se os Governos providenceião ao pagamento destas dividas impondo pezados tributos, hão de perecer, fazendo-se assim odiosos ao povo. Se não providenceião ao

seu desempenho, serão destruidos pelos esforços dos mais perigosos de todos os partidos, isto he, do partido dos capitalistas prejudicados, e não extinctos. Os homens desta classe ao principio olhão, (como segurança do seu capital emprestado,) para a fidelidade do Governo, e depois para o seu poder. Se vem o seu Governo velho, cançado, esteril, com as molas frouxas, e sem o sufficiente vigor para satisfazer os seus empenhos, procurarão novo governo que possua mais energia, e energia tal, que não proceda de adquirir novos recursos legitimos, mas do desprezo da justiça. Revoluções são favoraveis aos confiscos. Estes principios que predominão na França vão-se disseminando por todos os paizes, e em todas as classes de pessoas, que estão olhando para a propriedade e indolencia dos ricos como para a sua segurança. A indolencia dos grandes proprietarios se arguirá de inutilidade, e esta inutilidade logo se representará como nociva ao Estado. Muitas partes da Europa estão em desordem clara: sente-se já confuso movimento que ameaça geral terremoto no Mundo Politico.

Alguns dizem, que os confiscos da França não devem assustar as mais Nações; pois que

não se fizerão por extravagante rapacidade, mas por grande medida de Politica nacional, a fim de se removerem extensas e inveteradas desordens. Por isso muita gente approvou o confisco feito dos bens dos Mosteiros, e a abolição das chamadas *Corporações de mão morta etc.*

Jámais separarei a Justiça da Politica. A Justiça deve ser sempre a Estrella Polar de todos os actos do Governo na Sociedade Civil. Toda a grande aberração della, em quaesquer circunstancias, faz suspeitar que não he a Politica que obra, mas a cubiça de dominação.

Quando os homens são animados a entrar em certo modo de vida pelas leis existentes, e são protegidos nesse modo de vida como emprego legitimo de sua industria; quando elles accomodão todas as suas idéas, e todos os seus habitos, ás occupações respectivas; quando a policia publica tem feito que a conformidade á essas regras seja o fundamento de reputação, e o desvio dellas o fundamento de deshonra e pena; certamente he injusto o fazer qualquer Legislador violencia aos espiritos e sentimentos de seus subditos, e o derriballos do seu estado e condição, e ainda demais aferrar vergonha e infamia ao caracter dos individuos, e aos costu-

mes do paiz, que antes tinhão disso feito a medida de sua felicidade e honra. Não he preciso ser mui sagaz para descobrir que este brinco despotico, feito com os sentimentos, consciencias, prejuizos, e propriedades dos homens, não se póde distinguir da mais atroz tyrannia.

O homem encarregado de saudaveis reformas; que não obra debaixo do influxo das paixões; que em seus projectos não tem em vista senão o bem publico; vendo que ainda as instituições originalmente viciosas, depois de tomarem raizes profundas, se misturão e entrelação com muitas cousas boas, e que por isso não se pódem desarraigar, sem ao mesmo tempo notavelmente se destruirem essas boas cousas, não deve ser disposto a abolillas de repente. Ha em tudo justo meio. Recebendo alguem o governo de hum Estado, deve compollo e ornallo, corrigindo, e não abatendo. *Spartam accepisti, hanc exorna.*

Esta regra de profundo senso jámais deve estar fóra do espirito de hum reformador honesto. Não posso conceber como hum homem chegue a subir á tal presumpção, que considere o seu paiz como nada mais que huma *Carta branca*, para escrever nella o que lhe der na vonta-

de. Hum homem cheio de benevolencia especulativa, póde desejar que a Sociedade fosse constituida do modo differente do que a acha; mas o bom patriota, e o verdadeiro politico, sempre considerarão o como se poderão melhor aproveitar das materias que achão no proprio paiz, para as reformas indispensaveis. Disposição á conservar, e habilidade a melhorar, serão sempre os padrões do Estadista. Tudo que he fóra disto, he vulgar no conceito, e perigoso na execução.

Ha momentos na fortuna dos Estados, em que certos homens são chamados a fazer melhoramentos, por grandes esforços mentaes. Nesses momentos, ainda quando gozem da confidencia de seu Principe e Paiz, e sejão revestidos de plena authoridade, nem sempre achão instrumentos idoneos para a obra. O verdadeiro politico, para fazer grandes cousas, deve então procurar descobrir a grande mola do mechanismo da benevolencia civil, para saber extrahir o bem ainda do mal.

Tem-se muito declamado contra as Corporações religiosas. Mas as suas rendas tinhão direcção publica. Os seus membros erão dedicados á propositos publicos, e por principios pu-

blicos. Ainda que as suas instituições ao principio fossem obras de enthusiasmo, todavia forão depois os instrumentos da sabedoria. Não mereceria ser havido por Homem de Estado de alta ordem, quem destruisse temerariamente a riqueza, disciplina, e os habitos de taes Corporações, e não achasse expedientes de as converter em grande e permanente beneficio de seu paiz. Só politicos destituidos de fundos mentaes, e que não entendem de officio, podião achar conta em extinguillas.

Estas instituições (dizem) favorecem a superstição pelos seus mesmos principios, e a alimentão pela sua constante e inexterminavel má influencia. Não entro nesta questão. Mas não he menos certo, que derivamos solidos beneficios de muitas disposições, e de muitas paixões, que, aos olhos da moral, são, pelo menos, de côr tão duvidosa como a superstição. A superstição he a religião dos espiritos fracos. Se inteiramente se lhes arranca, sem se darem logo melhores substitutos aos que não concebem as cousas melhor, tambem arrancamos os recursos necessarios a soster as cousas mais essenciaes.

A base da verdadeira religião consiste, em estar o Corpo do povo sempre seguro na idéa e

pratica da obediencia á Vontade do Eterno Soberano do Mundo, ter confiança nas suas revelações, e aspirar á imitação de suas perfeições. Os homens sabios não são violentos em condemnar a fraqueza do entender humano. A Sabedoria não he o mais severo censor da ignorancia. As loucuras rivaes são as que se fazem mutuamente implacavel guerra; e a que chega a predominar, logo se prevalece de suas vantagens para pôr no partido de suas querélas os espiritos vulgares. Ao contrario, a prudencia he hum mediador neutro. Se na contenda entre o afferro immoderado á certas instituições, e a orgulhosa antipathia á cousas, que, por sua natureza, não só proprias a produzir effervescencias de indignação, o homem prudente he obrigado a fazer escolha, comparando erros, excessos, e enthusiasmos; pelo menos, julgará mais toleravel a superstição que edifica, do que aquella que destroe; a que orna o paiz, do que a que o deforma; a que o dota, do que a que espolia; a que dispõe das riquezas para benevolencia, ainda que aliás menos bem entendida, do que a que estimula os homens á real injustiça; a que recusa á si propria ainda os prazeres legitimos, do que a que rouba dos outros até a mingoada

subsistencia. Certamente esse se achará ser o estado da questão entre os fundadores das Ordens Monasticas, e os pertendidos reformadores da supersticiosa philosophia do seculo presente.

Em toda a Nação prospera, alguma parte do producto da terra e industria sempre excede as necessidades do consumo do productor respectivo. Este excedente fórma o redito do senhor da terra, e dos capitalistas que adiantão o fundo para a producção. Este excedente será despendido por estas duas sortes de proprietarios, que aliás não trabalhão directamente para a producção. Mas a sua arguida preguiça, (que he mera isenção de obra mechanica) vem a ser o estimulo do trabalho dos que não tem terra capital, e o seu descanço he o incitamento á industria do principal corpo do povo. O interesse do Estado só he que os capitaes empregados para fazer render a terra, tornem outra vez para as mãos industriosas donde elles vierão, e que a despeza dos fundos da natureza e arte seja com o menor possivel detrimento da moral, tanto daquelles que a fazem, como dos obreiros para quem os capitaes tornão, a fim da renovação dos trabalhos, e constante reproducção dos fructos da terra, e industria.

Em todas as considerações de receita, despeza, e emprego pessoal, hum Legislador prudente deve cuidadosamente comparar os caracteres do possuidor dos fundos a quem se aconselha expellir, e do estrangeiro que se propõe para substituir o seu lugar. Além dos inconvenientes que resultão das violentas revoluções da propriedade por extensos confiscos, deve-se estar certo, que o novo possuidor será mais trabalhador, mais virtuoso, mais sóbrio, e menos disposto a extorquir irracional proporção dos ganhos do lavrador, ou a consumir comsigo mais quantidade do que a ordinaria medida do consumo de qualquer individuo, ou a despender de modo mais firme, e igual, que melhor corresponda á util despeza politica que os antigos instituidores havião destinado. Quem demonstrou que estas vantagens estão da parte dos que adquirirão os bens da Igreja, e das Ordens religiosas?

Os frades (dizem) são inertes. Sejão. Supponhase que não se occupão senão em cantar no côro. Pelo menos são tão utilmente empregados como os que cantão no theatro. Incomparavelmente peior he a occupação de milhares de individuos de condição-servil, empregados pelos grandes ricos seculares em vis e pestiferos

ministerios. A humanidade e a politica antes justificarião o livrar a estes de seus máos e inuteis empregos, do que o perturbar o tranquillo remanso da morada monastica. Ora quando as vantagens da posse estão *ao par*, não ha motivo para mudança de possuidores.

Compare-se porém a vã e perniciosa despeza que os grandes proprietarios seculares frequentemente fazem, com a que a maior parte dos Prelados, Cabidos, e Mosteiros fazia em accumulação de vastas livrarias, que contém a historia da força e fraqueza do espirito humano; de grandes collecções de manuscritos, medalhas, moedas, que attestão e explanão as leis e costumes da antiguidade; de nobres pinturas, e estatuas, que, imitando a natureza, parecem extender os limites da creação; dos grandes monumentos dos mortos, que fazem continuar as lembranças e connexões da vida ainda além do sepulchro; dos variados musêos, que assoalhão as maravilhosas amostras da opulencia da natureza, e que são a assemblea representativa de todas as classes e familias do mundo, que, pela sua disposição scientifica, e excitando a geral curiosidade, abrem as estradas da Sciencia. Se por grandes estabelecimentos permanentes todos

estes objectos de despeza são melhor seguros de inconstante jogo do capricho, e da extravagancia pessoal, póde-se crer que estarião peior nas mãos dos que tinhão feito e accumulado tão uteis trabalhos, do que se igual gosto prevalecesse nos individuos separados, e sem o espirito preservativo das Communidades?

Por ventura o suor do pedreiro e carpintei- não corre tão aprazivel e salutiferamente na construcção e reparo dos majestosos edificios da religião, como na fabrica de casas de opera, officinas de jogo, e obras de phantasia, para nutrir o luxo e o orgulho, como v. g. obeliscos no Campo de Marte etc? O producto superfluo de vinho e azeite do paiz será peior empregado na frugal sustentação de pessoas á quem as ficções de piedosa phantasia derão a dignidade de estarem sempre em louvor e serviço de Deos; do que em innumeravel multidão de criados, que são mantidos com desperdicios, só para nutrirem a soberba de seus amos? Os ornatos dos templos serão despezas mais dignas para hum homem sabio, que as festas com laços nacionaes, e innumeraveis fofices, com que a opulencia dos seculares alardêa a enorme carga de suas superfluidades? Toleramos a estas cousas,

não por amor dellas, mas pelo receio de que em *seu* lugar entre ainda cousa peior. Toleramos, porque a propriedade e a liberdade, até certo grão, requerem a tolerancia de taes usos das sociedades. Como se poderá logo com razão proscrever os estabelecimentos e dispendios, que, em todos os pontos de vista, são de mais louvavel uso dos Estados? Póde ser justo fazer violação de toda a propriedade, e, por ultraje de todo o principio de liberdade, mudallos á força do melhor para o peior? As corporações da Igreja no uso de sua propriedade são os objectos mais susceptiveis de direcção publica da parte do poder do Estado: o regulamento dos modos e habitos de vida dos seus membros vem a ser mais facil do que he, ou deve ser, a respeito da economia dos cidadãos particulares. Esta consideração he muito essencial para se tentar alguma cousa que mereça o nome de *empreza politica*.

Nenhum excesso he bom. Assim como não convém que desproporcionada quantidade de terras esteja em poder dos Corpos de mão morta, e dos grandes Prelados, tambem não se mostra razão, porque a posse de algumas se traspasse violentamente do poder de alguns, que muitas

vezes, de facto, tem feito bom uso de antigas propriedades, que passarão successivamente á pessoas de eminente virtude e sabedoria; que dão ás mais nobres familias renovação e mantença, e ainda ás das classes infimas os meios de dignidade e elevação; propriedades, á cuja posse he annexa a obrigação de executar algum dever moral, e que, posto os seus possuidores não cumprão perfeitamente os seus encargos, que se exigem delles, com tudo lhes fazem ter hum caracter de, ao menos, exterior decoro e gravidade, e que, de ordinario, são applicadas á hospitalidade generosa, considerando-as habitualmente os possuidores como hum deposito confidencial para exercicio da caridade. As pessoas cujo destino e onus publico no uso de taes propriedades he ostentar virtudes, naturalmente as administraráõ melhor, e serão mais comedidos e regulados na sua economia, do que os seculares, que não tem regra e direcção de suas despezas senão as suas vontades.

Sempre olharei com piedade e reverencia para os erros daquelles reformadores, que são timoratos nos pontos que implicão com a felicidade do genero humano. Só Politicos máos e ignorantes são nisso ousados, assemelhando-se aos

Cavalleiros de industria, que nada tem á perder, e não sentem paternal sollicitude do bem publico; que não temem fazer a amputação de huma criança, só para tentarem huma experiencia perigosa. Estes taes, na vastidão de suas promessas, e na confiança de seus prognosticos, excedem todas as jactancias dos charlatães.

Estou convencido que na Assemblea Nacional da França entrárão homens de consideraveis habilidades, e alguns desenvolvêrão eloquencia em suas fallas e escritos. Isso não podia executar-se sem poderosos e cultivados talentos. Mas a eloquencia póde existir sem proporcional gráo de sabedoria. Com tudo, no systema que proposerão para segurança e prosperidade dos cidadãos, e para se promover a força, e grandeza do Estado, confesso não ter achado huma só cousa, que denotasse obra de espirito comprehensor, e providente, e nem ainda de entendimentos capazes das provisões de prudencia vulgar.

A gloria de todos os grandes Mestres em todas as artes consiste em confrontar e vencer as difficuldades; e quando tem vencido a primeira, a convertem em instrumento para vencer novas difficuldades; e assim adquirem a possi-

bilidade de extender o imperio da sua sciencia, e ainda transpollo além do alcance de seus originaes pensamentos, transcendendo até fóra dos marcos da intelligencia humana. A difficuldade he hum instrumento severo, estabelecido por suprema ordenança do Pai e Legislador Omniscio; que nos conhece melhor do que nós nos conhecemos. O que lutta com nosco, fortifica os nossos nervos, e aguça a nossa perspicacia. O nosso antagonista vem a ser o nosso auxiliar. O amigavel conflicto com a difficuldade nos obriga a adquirir mais intimo conhecimento do objecto proposto, e nos impelle a considerallo em todas as suas relações, não soffrendo que sejamos superficiaes. O que foge de tal lutta, mostra não ter nervos do entendimento para a sua tarefa.

O degenerado appetite de fazer tudo em pouco tempo com enganosas facilidades, e (como dizem os francezes) *golpes de mão*, tem sido em muitas partes a causa de se crear no mundo governos de poder arbitrario. Então as faltas de sabedoria são suppridas pela plenitude de força, e os povos nada ganhão na mudança. Começando taes reformadores os seus trabalhos por principio de preguiça (que não medita, nem combina) tem a fortuna commum da gente pre-

guiçosa. As difficuldades, que elles mais illudirão do que resolverão, tornão a apparecer no curso do edificio, e são involvidos em labyrintho de confuso manejo, e em huma industria estovada, e sem direcção. Assim fazem a sua obra viciosa, e sem seguridade.

A Assemblea Nacional só ladeou pelas difficuldades, sem as resolver, nem evitar; e por isso começou os planos de reforma com *abolição* e *destruição*. Em demolir á picarête, e arrazar hum edificio, mostra-se habilidade? O mais rude entendimento, e a mão mais salvagem, he capaz de tal obra: raiva e phenesi póde derribar em huma hora mais, do que prudencia, deliberação, e pericia, pódem edificar em cem annos.

Os erros e defeitos dos estabelecimentos velhos são visiveis e palpaveis: não he precisa muita sagacidade para apontallos; e onde se estabelece poder arbitrario, basta huma palavra para destruir vicios juntamente como os estabelecimentos uteis. A mesma preguiçosa e inquieta disposição que ama a inercia, e aborrece o socego, dirigio os politicos da França para abater a sua Monarchia, com tudo o que tambem havia de bom nella, sem aliás supprir devida-

mente o lugar das cousas destroidas. Hum dos do Corpo Lagislativo, que ali tinha ascendente, exprimio assim o seu *Grande Principio destructivo*: nada he mais simples. ,, Os estabele- ,, cimentos da França coroão a infelicidade do ,, povo. Para o fazer feliz, he necessario reno- ,, vallo: mudar suas ideas; mudar suas leis; ,, mudar seus costumes; mudar os homens; mu- ,, dar as cousas; mudar as palavras . . . tudo ,, destroir . . . sim tudo destroir, pois que tudo ,, se deve tornar a crear. ,, Se este arengueiro fosse escolhido para Presidente da casa dos orátes, poderia ser havido por ente racional?

Preservar e reformar he cousa mui diversa desta Proposta. Quando se pertende concertar e acrescentar hum grande edificio, sem destroir as partes uteis, deve-se ter hum espirito vigoroso, de perseverante attenção, dotado de talentos para comparar e combinar, e hum entendimento fertil em expedientes vigorosos, que entre em conflicto com a confederada força dos vicios oppostos, a saber, da obstinação que rejeita todo o melhoramento, e da leveza que se fatiga e desgosta até com o bem de que está de posse. Mas este processo he lento, e não he proprio para phantasticos Legisladores, que se glorião

de executar em poucos mezes a obra que requer seculos. Huma das excellencias do methodo de reformar prudente he o em que o tempo he hum dos assistentes, e cuja operação vem a ser quasi imperceptivel.

Se a circunspecção e cautela são partes da sabedoria, ainda quando a obra he só de materia desanimada, sem duvida constituem parte do nosso dever, quando o objecto da demolição ou construcção não he obra de pedra e páo, mas entes sensiveis, que se pódem fazer miseraveis em grande multidão, pela repentina alteração de seu estado, condição, e habitos de vida. Mas em Paris a predominante opinião he, que hum coração insensivel, e huma presumpção illimitada, são as unicas qualificações para hum perfeito legislador. Porém mui differentes convem que sejão as ideas deste alto officio.

O verdadeiro Legislador deve ter hum coração cheio de sensibilidade. Elle deve amar e respeitar a sua especie, e muito temer de si proprio. Regulamento politico he obra para entes sociaes. Nelle o espirito deve conspirar com os outros espiritos. A nossa paciencia póde melhor acabar a obra, do que a nossa força. A experiencia tem mostrado, que não ha plano que não te-

nha sido melhor emendado pelas observações dos que aliás em entendimento erão mui inferiores ás pessoas que havião dirigido o negocio. Pelo lento e bem sustentado progresso do exame, o effeito de cada passo he observado; o bom ou máo successo do primeiro dá-nos luz ao segundo; e assim de luz em luz somos conduzidos com segurança por toda a série das operações. Por este modo attendemos á que as partes do systema não combattão entre si. Os males escondidos nas mais especiosas apparencias são remediados logo que se divisão. Cada vantagem he assim menos sacrificada á outra. Compensamos, conciliamos, balanceamos. Deste modo somos habilitados a unir em hum todo coherente as varias anomalias, e principios contradictorios, que se achão nos espiritos e regulamentos dos homens. Dahi se origina não a excellencia na simplicidade, mas (o que lhe he superior) *excellencia na composição*. Onde os grandes interesses do Genero Humano se transmittem pela longa successão de gerações, tambem a successão de reformas deve ser admittida nos Conselhos das resoluções que profundamente involvem taes interesses.

Por isso os melhores legisladores tem muitas vezes sido satisfeitos com o estabelecimento

recorrerem á pratica dos outros, nem terem modellos que imitem. Os antigos estabelecimentos são experimentados pelos seus effeitos. Se os povos são felizes, unidos, opulentos, guerreiros, e poderosos, bem podemos presumir o resto. Com razão concluimos, que he boa a causa, donde se deriva bom effeito. Nos estabelecimentos antigos, tem-se achado varios correctivos para as suas aberrações da theoria. Elles são o resultado de varias necessidades; e conveniencias: não são construidos em consequencia de theorias; antes as theorias se tem formado em virtude das experiencias dos seculos no governo humano. Os meios ensinados por estas são melhor accomodados aos fins politicos, ainda que ás vezes não pareção perfeitamente conciliaveis com o Plano original. Isto se póde curiosamente exemplificar na Constituição Britannica.

Mas os edificadores francezes não se embaraçárão com isso, nem fizerão esforços de adaptar o novo edificio ao velho, quer nos alicerces, quer nas muralhas. Praticárão como os jardineiros vulgares, que formão tudo em hum exactó nivel, propondo levantar a architectura do Estado sobre tres bases, *geometrica*, *arithmetica*, *financial*, a que chamárão 1ª. *base do*

Territorio, 2.ª *base da População*, 3.ª *base do Imposto.*

Na *base geometrica*, dividirão a área de seu paiz em 83 quadrados regulares, que chamárão *Departamentos*, tendo cada hum 720 districtos, que chamárão *Communs*, e subdividindo estas em medidas quadradas, á que derão o titulo de *Cantões*. Nesta vista geometrica não se achão grandes talentos legislativos. Com olho, cordel, e theodolito, qualquer trivial medidor desempenharia a tarefa. Neste novo pavimento de quadrados, feita a organisação pelo systema de *Empedocles* e *Buffon*, e não sobre principio politico, he impossivel, que dahi não resultassem innumeraveis inconvenientes locaes, á que os homens não estavão habituados. A bondade do terreno, numero de gente, sua riqueza, mais ou menos facilidades de contribuição, e infinitas outras circunstancias, fazem a medida do quadrado hum ridiculo padrão do poder de qualquer Estado. A igualdade em geometria he a mais desigual de todas as medidas na distribuição dos homens.

A sublime sciencia franceza, que assim se deslizou pelo campo da geometria, manifestou a sua ignorante methaphysica juridica na arith-

metica da População. Dizendo, que os homens são inteiramente iguaes, e que por isso tinhão iguaes direitos ao governo, decretárão, que todo o homem podesse votar em pessoa que o representasse no Corpo legislativo, com tanto que pagasse ao Estado o valor de tres dias de trabalho. Como ha innumeraveis pessoas das infimas classes, que só pódem viver de seu escaço jornal, que apenas lhes dá mingoada subsistencia de cada dia, ficárão excluidos de votar os que tinhão mais necessidade de protecção e defeza. Tambem excluirão de voto os criados. Eis logo de hum golpe subvertido o inculcado principio da igualdade dos Direitos, que dizião ter a natureza dado gratuitamente em o nascimento de cada individuo, e de que nenhuma authoridade legitima podia privar a ninguem.

Na *base do Imposto* perderão inteiramente de vista os direitos do homem. Esta base he inteiramente estabelecida na propriedade. Ora esta he incompativel com a pertendida igualdade. Os novos legisladores, vendo-se embaraçados com suas idéas contradictorias, dizião que, destruindo-se a igualdade pessoal, se estabeleceria a *aristocracia dos ricos*; e todavia dizião, que os ricos devem ser respeitados, e que

tem titulo á mais larga partilha na administração dos negocios publicos. Sem duvida, elles são sujeitos á inveja, e a inveja conduz á attaque da propriedade. Por isso, dando-se lhes o direito de terem mais votos, e de escolherem mais membros para a Representação nacional, tambem sujeitárão á maiores *impostos directos* as que chamarão *massas aristocraticas*.

Mas nada he mais desigual que os *impostos directos*. A *contribuição indirecta*, que provém dos Direitos exigidos sobre os *artigos de consumo*, he na verdade a melhor medida dos impostos: ella descobre e segue a riqueza mais naturalmente, do que a contribuição directa. Na verdade he difficil fixar a medida da preferencia local; pois que algumas provincias pódem pagar mais, não por causas intrinsecas, mas pelas que se originão dos mesmos districtos sobre que tem alcançado preferencia. Huma grande Cidade, como París, deve pagar incomparavelmente mais direitos, que as Cidades das provincias interiores; visto que attrahe os productos que vem destas, e que dalli se exportão. Os Proprietarios ricos das provincias, que gastão na Côrte as suas rendas, e que são os creadores das Cidades respectivas, contribuem para

Paris com parte dos productos das suas provincias, na proporção das rendas que dellas lhes vem. A contribuição directa he assentada sobre a riqueza real, ou presumida, e a riqueza local póde provir de causas não locaes; e por tanto, em regra de equidade, não devem produzir preferencia local.

O espirito de distribuição geometrica, e de regulamento arithmetico, induzio aos reformadores francezes a tratarem o seu paiz como a hum paiz de conquista, subjugado pelos mais salvagens conquistadores, que desprezárão o povo submettido, insultando os seus sentimentos, e destroindo todos os vestigios de sua religião, policia, leis e maneiras, produzindo geral pobreza. Fizerão a França livre, da maneira que os outros (tão sinceros como elles) amigos dos direitos do homem, os Romanos fizerão livre a Grecia, e as mais Nações, destroindo os vinculos da sua união, com o pretexto de segurar a independencia de seus governos.

Taes Legisladores se arrogárão a ardua tarefa da reforma, sem mais preparativo e apparato do que a methaphysica de Graduados, e a mathematica e arithmetica de Dizimeiros, e Doutores de Taboada. Elles não considerárão,

em cousa alguma, a natureza do homem e do cidadão, nem estudárão os effeitos dos habitos que são communicados pelas circunstancias da vida civil, que constituem outra natureza, e produzem huma artificial combinação, donde nascem muitas diversidades entre os homens conforme á seu nascimento, sua educação, suas profissões, suas differentes idades, suas residencias em cidade ou no campo, seus varios modos de adquirir e fixar a propriedade, e conforme a qualidade das mesmas propriedades; o que tudo os fórma artificialmente como differentes especies de creaturas. Dahi resulta a necessidade que tem o Legislador de dispor os cidadãos em taes classes e situações do Estado, para que os seus particulares habitos melhor os qualificão, e de lhes conceder privilegios apropriados, que lhes dem segurança, protecção, e força, no conflicto e contenda que se occasiona pela diversidade dos respectivos interesses, que sempre existem, e não pódem deixar de existir em toda a sociedade complexa.

Seria cuberto de vergonha o Lavrador, que fosse tão grosseiro, e tão destituido de senso commum, que, tendo variedade de carneiros, bois, e cavallos, pertendesse igualar todos,

como pertencendo á especie geral de animaes, sem provêr a cada hum delles com o respectivo apropriado sustento, curral, e emprego. Mas os Economistas da França, dispondo á arbitrio da sua propria especie em methaphysica aérea, não se cançárão em considerar particularidades de classes, e calculárão sómente a *grége civil*, como só composta de homens em geral. Estes Legisladores methaphysicos, mathematicos, e chimicos, tentárão confundir todas as sortes de Cidadãos em huma massa homogenea, e dividirão o seu montão, assim amalgamado, em incoherentes republicas. Nem ao menos attendêrão ás melhores lições da *Methaphysica racional*, que justamente estabeleceo varias Cathegorias, e diversos predicamentos das cousas, bem distinguindo substancias, e quantidades, ordenando, que, em complexas deliberações, se attendesse á qualidade, relação, acção, paixão, lugar, tempo, circunstancias, habitos. Quizerão estabelecer huma liberdade compulsoria; e corromperão o exercito para desertar e trahir a seu Soberano: depois ordenarão que esse exercito fizesse fogo contra o povo: o seu máo exemplo induzio a insurreição das colonias, e a dos negros contra os colonistas. Quizerão contradictoria-

mente, e com força armada, continuar o systema Colonial. Em que capitulo do Codigo dos Direitos do homem se lê, que he parte dos Direitos do homem poder huma parte da Nação monopolisar e restringir o commercio da outra parte, para beneficio da que faz essa violencia? Ha opposição: a resposta he tortura, violencia, tropa, matança.

Eis os fructos de declarações metaphysicas, extravagantemente feitas, e vergonhosamente retractadas! Como podia haver liberdade sem sabedoria, sem virtude, sem inviolavel guarda do direito da propriedade? Sem isso, ella he o maior de todos os males possiveis; e vem a ser sandice, vicio, e demencia sem tutela, nem restricção.

As reformas em Finanças acabárão de mostrar a incapacidade das cabeças francezas; ellas destroirão completamente o seu paiz. Os revolucionarios, presumidos de Financeiros, não virão nada mais no Redito publico senão Assignados, Mandados Territoriaes, Annuidades, Tontinas &c., sem perceberem que prudentes *operações de credito* são boas cousas, quando são effeitos da boa ordem civil. Elles affectárão copiar nesses expedientes a pratica de Inglater-

ra; mas contradictoriamente tentárão estabelecer o *credito publico* com exemplos de rapina, e estrago de toda a fé humana. Quizerão forçar a receber o seu *papel do governo*, sem saberem, que a *liberdade de acceitar taes cedulas* he a que as constitue *moeda corrente*. O papel francez não foi (como devia ser) o representante da opulencia Nacional, mas sim da penuria publica; elle não foi a creatura do credito publico, mas só do poder revolucionario. Imaginárão que o florente Estado de Inglaterra era devido ao papel do Banco, e não que o credito do papel do Banco fosse o effeito da florente condição do Commercio Nacional. Não advertirão, que na circulação não se recebe hum só *shellin*, senão por livre escolha das partes contrahentes, e que por isso facilmente se converte em dinheiro. O nosso papel tem muito valor no Commercio, porque a lei não lhe dá algum no foro. He poderoso na Praça, e impotente na Côrte. Cada credor de dez shellins póde recusar o seu pagamento em todo o papel do Banco de Inglaterra. Por isso ahi a riqueza em papel de credito facilita a entrada, sahida, e circulação do oiro, e prata, e tende a augmentar a sua quantidade.

Os objectos do Financeiro são: segurar

amplo redito ao Estado; estabelecer impostos com discrição e igualdade; empregallos economicamente; e, quando a necessidade o obriga a fazer uso do credito, *segurar os fundamentos do mesmo credito*, *logo no primeiro emprestimo publico*, e sempre sostello pela clareza e candura nos seus procedimentos, exacção dos seus calculos, e solidez dos seus fundos. Grandes expectações se excitárão em toda a Europa á este respeito na França pela sua Revolução; porém mallograrão-se.

A dignidade de cada emprego depende da quantidade e especie de virtude, que se póde exercer nelle. Todas as grandes qualidades do espirito que opérão no publico, e que não são meramente passivas, e soffredoras, requerem força para o seu desenvolvimento. Como a Renda do Estado he o movel de todo o seu poder, a sua administração vem a ser huma esphera de toda a virtude activa. Sem tal virtude, he impossivel boa administração. A virtude publica, sendo de natureza activa e esplendida, e destinada á grandes cousas, e exercida sobre grandes interesses, requer grande espaço para as suas operações, e não se póde desenvolver, e diffundir achando-se apertada em circunstancias es-

treitas e sordidas. O Corpo politico só póde por meio de justa Renda do Estado obrar conforme o seu genio e caracter, desenvolver a sua virtude collectiva, e bem caracterisar os que o movem, e que são, por assim dizer, a sua vida, e principio director. Dahi he que, não só a magnanimidade, liberdade, beneficencia, fortaleza, providencia, e a tutelar protecção das boas artes, derivão o seu sustento, e a força de seus orgãos; mas tambem o trabalho, vigilancia, frugalidade, continencia, tem o seu proprio elemento na provisão e distribuição da riqueza publica.

Por isso com razão a Sciencia das Finanças, especulativa e pratica (que se ajudão por muitos ramos auxiliares dos conhecimentos humanos) he tida em alta estima pelos mais sabios e melhores homens: e como esta sciencia cresce com o augmento do seu objecto, tambem a prosperidade e melhora das Nações tem geralmente crescido com o augmento de sua justa Renda Publica, quando a balança dos esforços dos individuos e do Estado em a fazer adiantar, tem proporção reciproca, e se achão em harmonia e correspondencia. Mas os sophistas francezes, só declamando vagamente contra Estancos Reaes,

em lugar de algumas justas refórmas nos objectos e modo da collecta das Rendas do Estado, em breve tempo, fizerão desapparecer a que antes existia, e destroirão a força do Reino, perdendo ao mesmo tempo a sua phantastica republica. Os seus Financeiros forão crueis, e não economicos. Ao principio pertenderão supprir o Estado só com voluntarias contribuições do povo: e logo depois recorrêrão á emprestimos forçados, confiscos, assignados, mandados territoriaes, e á todos os mais absurdos e horrores que são notorios, com infernal confiança na omnipotencia do roubo e assassinato; descompondo a natureza das cousas, convertendo a indigencia em recurso, pagando o interesse com trapos, e provendo o Credor publico á ponta da baioneta.

Os Revolucionarios da França, por encomprehensivel espirito de dilirio e engano, jogárão o mais desesperado jogo. Tendo destroido todas as seguranças de huma liberdade moderada, e as indirectas restricções do despotismo absoluto, se a Monarchia for estabelecida outra vez na França, na mesma ou outra dynastia, provavelmente, se não for voluntariamente regulada pelos sabios e virtuosos conselhos do Principe, firmar-se-ha o mais completo poder arbi-

trario que jámais appareceo na Terra. Tal será o fim do Monstro da Revolução. Os enganosos sonhos da regeneração, com as visões da igualdade, liberdade, e direitos do homem, se submergiráõ no sorvedoro *Serbonio*, (*) com profundo abysmo de miseria e escravidão, para sempre.

Humanos olhos não se pódem levantar para ver os grandes peccados que bradárão da França ao Ceo, o qual os castigou com tão vil cativeiro, e tão infame dominação, em que não se encontra conforto, nem ainda a compensação que ás vezes se acha nos falsos esplendores de algum doce despotismo estabelecido, que, fazendo a sua brilhante pantomima theatral sobre as outras mais escuras tyrannias, obsta que o genero humano se sinta deshonrado, ainda quando he opprimido.

Boa ordem he o fundamento de todas as boas cousas. O verdadeiro politico, na reforma dos Estados, deve sempre ter em vista fazer, que o povo, sem ser servil, seja sempre tractavel e obediente. Jámais se deve por arte desar-

(*) Este he o celebrado horrivel pantano d'Asia, onde o Imperador Romano Decio se atolou e submergio com todo o seu exercito.

raigar dos seus espiritos os essenciaes principios da subordinação civil. Deve-se habituallo a respeitar as propriedades de que não pódem participar. Deve-se-lhe permittir, que alcancem; por meio de seu trabalho, tudo que se póde obter pela energia da industria honesta; mas deve-se-lhe sempre ensinar o religioso sentimento; de que achando (como he mais commum) os seus esforços desproporcionados a conseguir melhor sorte, esperem para consolação de suas fadigas o obterem na vida futura as proporções compensatorias da Divina Justiça. Os que privão o povo destas consolações, não fazem senão amortecer a sua industria, e cortão pela raiz os meios legitimos de toda a adquisição, e de toda a conservação. O que assim pratíca, he o mais cruel oppressor, e immisericordioso inimigo dos pobres e miseraveis; e ao mesmo tempo expõe os fructos da industria feliz, e as accumulações da fortuna, aos attaques dos individuos indigentes e desditosos, que mallográrão os seus projectos de melhorarem de condição.

Embora se escrevão lances generosos, e illustres sentimentos de virtuosa liberdade, que servem a dar calor ao coração, alargar os espiritos com liberdade de pensamentos, e animar o

valor em tempos de conflicto. Eu mesmo leio com prazer os sublimes extases dos Poetas Lucano e Corneille sobre esse assumpto. O bom politico deve sacrificar ás Graças, e comprazer com a razão.

Fazer governos he cousa que não requer grande sciencia: estabelecendo-se o poder em hum lugar, e forçando-se á obediencia, a Obra está feita: mas, para fazer o que se diz *governo livre*, requer-se espirito reflexivo, combinador, e poderoso, para conciliar os oppostos elementos de liberdade e restricção em huma Obra coherente.

Os aduladores do povo jámais pódem ser seus Legisladores e guias. Se algum mais intelligente delles propõe hum systema prudente de liberdade, contida nos justos limites, immediatamente os rivaes lanção maior preço na Praça, e promettem licenças e felicidades maiores. Immediatamente se levanta suspeita de infidelidade á sua causa contra os mais sabios; a moderação he sentenciada por virtude de cobardes; e a concordata se julga prudencia de traidores. Assim ou os bons são sacrificados á ignorancia do povo, e á rivalidade dos competidores; ou, com vilania e tortura das proprias idéas, seguem

a torrente do partido mais iniquo, e consumão pelos proprios talentos a ruina da Nação.

Eis os naturaes resultados das Revoluções, principiadas com falsos pretextos, ou zelos indiscretos de subitas reformas. Não nego que entre o infinito numero de actos de violencia e loucura dos Reformadores Francezes, não fizessem estes algum bem, e não removessem algum abuso. Os que fizerão tudo de novo, não he maravilha que tambem fizessem alguma cousa benefica. Porém os seus melhoramentos forão superficiaes, e os seus erros forão fundamentaes.

Não obremos jámais como os Francezes, que, presumindo-se de superiormente illuminados, procederão a fazer reparações do Estado, sem ter por *principios rectores* a *cautela politica*, a *circunspecção philosophica*, e a *timidez moral*, procedendo sem a devida e forte convicção da ignorancia e fallibilidade do Genero Humano. Accrescentemos novos bens, se for possivel; mas conservemos o solido que gozamos, sobre a constante e firme base da Constituição Nacional; e não siguamos os desesperados vôos dos aeronautas da França. Do contrario, passaremos (como diz hum dos nossos Poetas) por grandes variedades de cousas não experimenta-

das, as quaes, em todas as suas transmigrações, só serão depois purificadas por *fogo* e *sangue*.

FIM.